



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

IAN IGOR MESQUITA DE SANTANA

**GEO-GRAFIAS DO ESPORTE CLUBE BAHIA NA CIDADE DE
SALVADOR**

Salvador

2025

**GEO-GRAFIAS DO ESPORTE CLUBE BAHIA NA CIDADE DE
SALVADOR**

IAN IGOR MESQUITA DE SANTANA

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Henrique Baumgartner

Salvador

2025

A

Rosenilda, minha mãe que acredita no poder do estudo para mudanças de vida como a excelente educadora que é.

Juarez, meu pai que em suas diversas formas de amor, as do ato são mais claras que a de qualquer um.

Rosilda, minha vó que me cuida como um filho.

Luna, minha irmã qual torço para que seja infinitamente melhor que eu.

Thainá, minha namorada que nesses tempos tão turbulentos foi o porto seguro para que eu não naufragasse.

AGRADECIMENTOS

Os momentos de escritas são conturbados e colocam você todo o tempo em evidência, porque apesar de contar com o apoio daqueles que lhe amam, ainda assim, está numa batalha individual que não é nada além do discente e a sua própria mente. Apesar de assustador, não é diferente do que já passamos em outros momentos da vida e que num futuro próximo, será apenas mais uma história do quão angustiante foi para que desse certo.

Superar tais momentos sem as conversas com Deus e Oxumaré seriam impossíveis. Eles em sua infinita bondade com seu filho, permitiram que o choro aliviasse o coração e fosse a limpeza necessária para que um novo dia viesse e junto a ele, a nova oportunidade de acertos e erros.

Aos meus pais, que estão vivendo pela primeira vez tudo isso como eu, mas mesmo assim, parecessem carregar a sabedoria de milhões de anos, cada um a sua maneira. Ao saírem de casa para trabalhar, entendo que antes de tudo é para que eu e minha irmã tenhamos aquilo que não puderam ter e não há nada no mundo que possa minimamente servir como um agradecimento que esteja de fato a altura disso. Quando aprovado, apesar de ser péssimo com memórias em geral, lembro-me como se estivesse acontecendo exatamente agora o abraço de minha mãe. Nada no mundo parecia mais importar. Ou quando já na faculdade e tendo aulas pela noite, meu pai enviava mensagem todos os dias com um único destino: o Instituto de Geociências. Lá estava ele - como se ainda estivesse na Didática, no Salette ou no Sacramentinas - me aguardando para levar de volta para casa em segurança que apenas ele poderia dar. Muito obrigado por tudo.

A minha irmã, que cresce incessantemente rápido e que enquanto aqui escrevo, o dia seguinte será a sua formatura do Ensino Médio. Pensar que fui te buscar no hospital, cheio de felicidade por ter com quem compartilhar a vida e que hoje, há uma moça com tanta inteligência e destemida para conhecer o mundo, me faz ter a certeza que entre todas as infinidades de definição de amor, a minha é a de alegria do quão você é, sendo tão pouco em idade. Conte sempre com o seu irmão.

A minha vó ou mainha, aquela que sempre será a ganhadora do primeiro pedaço de bolo em meus aniversários, tenho mais que a obrigação em agradecer, pois fez o impossível para que minha mãe pudesse se tornar quem é e como consequência, a possibilidade de eu estar aqui lutando para tentar ser também. Os almoços com a senhora sempre serão especiais.

A Thainá, meu amor que foi por diversas vezes dentre esses últimos anos, colo, apoio, vibração, felicidade, chamadas de atenção e tudo o que fosse possível para o meu melhor.

Obrigado por não somente entender, mas também, ser o meu abraço nos momentos em que os pensamentos me consumiam e a sua família que me acolheram como se fosse um Viegas desde o primeiro dia.

Aos amigos, todos eles, que tornam essa vida tão especial e cheia de sorrisos. Vocês deixam tudo mais leve. Os guardarei a sete chaves.

A Universidade Federal da Bahia, por ser meu lugar em diversos momentos, desde os estudos nas bibliotecas durante a tarde até as festas da Avalanche que encerravam o semestre, a maior atlética do mundo. O ensino público muda vidas.

Ao professor Dr. Wendel Henrique Baumgartner, qual tive privilégio de não somente assistir suas aulas recheadas de didáticas e conhecimento, mas de ser orientado com tanto carinho e dedicação. Obrigado por ter topado sem pensar duas vezes e ter conduzido tudo de uma maneira tão maestral. Seus cuidados aliviaram o caminho.

Ao Esporte Clube Bahia SAF e seus colaboradores, que tornaram possível a escrita desse trabalho, pois sem vocês tudo seria mais difícil e poder realizar essa escrita é um sonho para o torcedor aficionado. Obrigado por acreditarem nessa pesquisa, serei eternamente grato a cada um de vocês.

Aos locais em que tive o prazer de estagiar, pois vocês sempre tornaram tudo mais tranquilo e contribuíram de forma incontável com o profissional.

As professoras Érika do Carmo, qual apesar de não saber, foi a minha primeira resposta de certeza sobre o curso que havia escolhido e Natália Lage que compõe a banca examinadora e contribuirão significativamente para as correções e ajustes desse trabalho.

Para finalizar, a Geografia. Meu curso. Meu amor. Uma parte de quem sou. Obrigado por a cada momento me dar a infinita certeza que é o exato local em que quero estar. Mais que motivado, estou a sonhar incessantemente com nosso futuro.

SANTANA, Ian Igor Mesquita de. **Geo-grafias do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador**. 63 f. 2025. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa a geo-grafia do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador, buscando compreender como o clube produz, modifica e inscreve territorialidades no espaço urbano. Com base em um aporte teórico, o estudo interpreta o futebol como fenômeno social capaz de gerar usos do espaço, reorganizar fluxos, constituir lugares e produzir significados urbanos. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, envolvendo levantamento bibliográfico, solicitação e tratamento de 110.495 dados oficiais do quadro associativo do Bahia e elaboração de cartografia temática. A espacialização dos dados permitiu identificar padrões de distribuição dos torcedores por bairro, evidenciando desigualdades socioespaciais, aproximações identitárias e processos de mobilidade que reconfiguram a relação entre periferias e centro. Os resultados demonstram que o Bahia se afirma como agente ativo na grafia da cidade, contribuindo para a construção de centralidades temporárias em dias de jogo, para a produção de territorialidades simbólicas e para a formação de lugares de memória, como a Fonte Nova. Conclui-se que o clube desempenha papel significativo na constituição da geo-grafia de Salvador, revelando a importância do futebol como chave interpretativa da vida urbana contemporânea.

Palavras-chave: Geografia; Futebol; Geografia do Esporte; Esporte Clube Bahia; Salvador; Cartografia.

SANTANA, Ian Igor Mesquita de. **Geo-grafias do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador**. 63 f. 2025. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2025.

ABSTRACT

This undergraduate thesis analyzes the geography of Esporte Clube Bahia in the city of Salvador, seeking to understand how the club produces, modifies, and inscribes territorialities in urban space. Based on a theoretical framework, the study interprets football as a social phenomenon capable of generating uses of space, reorganizing flows, constituting places, and producing urban meanings. Methodologically, the research adopts a qualitative-quantitative approach, involving bibliographic research, the request and processing of 110,495 official data points from Bahia's membership roster, and the creation of thematic cartography. The spatialization of the data allowed for the identification of patterns in the distribution of fans by neighborhood, highlighting socio-spatial inequalities, identity affinities, and mobility processes that reconfigure the relationship between peripheries and the center. The results demonstrate that Bahia asserts itself as an active agent in the city's geography, contributing to the construction of temporary centralities on game days, to the production of symbolic territorialities, and to the formation of places of memory, such as Fonte Nova. It is concluded that the club plays a significant role in shaping the geography of Salvador, revealing the importance of football as a key to interpreting contemporary urban life.

Keywords: Geography; Football; Sport Geography; Esporte Clube Bahia; Salvador; Cartography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Partida no Campo da Pólvora	29
Figura 2 – Torcedores no Estádio Arthur de Moraes, o extinto Campo da Graça	30
Figura 3 – Campo da Graça	30
Figura 4 – Localização de onde seria o Campo da Graça nos dias atuais	31
Figura 5 – Arquibancadas de madeira do Campo da Graça	32
Figura 6 – Estádio Octavio Mangabeira na década de 1960	34
Figura 7 – Locais de sede do clube entre 1931 a 1951	35
Figura 8 – Mandos de campo do Bahia entre 2007 e 2013	36
Figura 9 – Tragédia da Fonte Nova	37
Figura 10 – Estádio Jóia da Princesa	37
Figura 11 – Bahia jogando em Pituaçu	38
Figura 12 – Estádio Armando de Oliveira	38
Figura 13 – Número de associados ao Esporte Clube Bahia por bairros	41
Figura 14 – Camisa Novembro Negro	41
Figura 15 – Camisa Dia do Orgulho LGBTQIAPN+	41
Figura 16 – Camisa Derramamento de Óleo	42
Figura 17 – Camisa Combate a Intolerância Religiosa	42
Figura 18 – Ladeira da Fonte das Pedras em dia de jogo	44
Figura 19 – Avenida Vasco da Gama em dia de jogo	44
Figura 20 – Mobilidade e comércio em dias de jogos	45
Figura 21 – Viaduto em dia de jogo	47
Figura 22 – Dique do Tororó em dia de jogo	47
Figura 23 – Transporte metroviário e associados do Bahia por bairros	49

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Comparativo entre os 10 primeiros bairros com o maior número de associados, renda por domicílio no ano de 2010 e a faixa de renda em 2010 segundo Neri 43

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice 1 – Dados de associados por bairro	58
Apêndice 2 – Porcentagem de associados por número de habitantes por bairro	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL CONCEITUAL	16
3. METODOLOGIA	18
4. BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO MUNDO	22
4.1 Futebol, Geografia e a Cidade	23
5. A GEOGRAFIA URBANA DO BAHIA NA CIDADE DE SALVADOR	29
5.1 Compreensão urbana através do quadro associativo	39
5.2 Mobilidade urbana	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
Referências	54
Apêndice	58

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a Geografia — que em determinados contextos pode ter seu campo de visão reduzido a conteúdos escolares compartmentados, como hidrografia, relevo e população — é mobilizada a partir da geograficidade do futebol como um modo de leitura do mundo. Retomando sua essência enquanto ciência comprometida com a compreensão da realidade, a Geografia é aqui utilizada para interpretar as formas de inserção do esporte em uma metrópole, bem como suas contradições e constrições socioespaciais. Teorias, conceitos e metodologias constituem o ponto de partida para compreender como o futebol, prática amplamente difundida no Brasil, é capaz de produzir uma geo-grafia própria.

A geograficidade, conforme definida por Gonçalves (2002), busca apreender as correlações entre materialidades e simbolismos no espaço geográfico. Nessa perspectiva, a temática do futebol será problematizada na relação do objeto ‘Esporte Clube Bahia vai além das condições’ com o espaço geográfico na cidade de Salvador, trazendo elementos de sua materialidade espacial (estádios, sedes, lugares de moradia dos torcedores, entre outros) e imateriais (mobilização social, participação nos eventos, vínculos afetivos e identitários, entre outras possibilidades). Gonçalves (2002) também nos ensina que romper com tradicionalismos e buscar compreender as novas grafias espaciais é um ponto central na discussão geográfica, incluindo estudos sobre temas que historicamente foram rebaixados pela disciplina.

O território é uma categoria espessa que pressupõe um espaço geográfico que é apropriado e esse processo de apropriação –territorialização– enseja identidades – territorialidades – que estão inscritas em processos sendo, portanto, dinâmicas e mutáveis, materializando em cada momento uma determinada ordem, uma determinada configuração territorial, uma topologia social (Bourdieu, 1989). Estamos longe, pois, de um espaço-substância e, sim, diante de uma tríade relacional território-territorialidade-territorialização. A sociedade se territorializa sendo o território sua condição de existência material. É preciso recuperar essa dimensão material sobretudo nesse momento como o que vivemos em que se dá cada vez mais importância à dimensão simbólica, quase sempre de modo unilateral, como se o simbólico se opusesse ao material. (Gonçalves, 2002, p. 230)

Nesse sentido, o futebol pode ser analisado por diferentes dimensões. A primeira delas é a do torcedor, cuja prática vai muito além do ato de assistir a um jogo: torcer envolve pertencimento, identidade, memória e territorialidade.

A segunda dimensão é a do jogador, figura central da produção mercadológica do futebol contemporâneo. O jogador, muitas vezes oriundo de contextos periféricos, transita entre diferentes perfis sociais, tornando-se exemplo das desigualdades, a partir do momento em que, o futebol se torna a principal ferramenta para sua mudança de modo de vida e da família. Para além da performance esportiva, ele representa mobilidade social.

Por último, o futebol como um empreendimento que se tornou capitalista ao seu extremo com seu alto impacto econômico. Somente com transferência de atletas, de acordo com a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), órgão responsável pela gerência do futebol mundial, cerca de 9,63 bilhões de dólares foram movimentados nas negociações realizadas em 2023. Desse montante, somente a Liga Inglesa foi responsável por pouco mais de 2 bilhões movimentados. No Brasil, de acordo com a EY (2024), empresa contratada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para estudo do impacto financeiro do futebol no Brasil, no mesmo ano, a receita total dos clubes foi cerca de 11,6 bilhões de reais. Esses valores que já são extravagantes, serão corriqueiramente superados, pois desde agosto de 2021, a legislação brasileira passou a permitir com que grupos financeiros adquiram o controle de clubes de futebol a partir de uma Sociedade Anônima de Futebol, as popularizadas SAF's que estão a impactar diretamente na inflação do mercado financeiro futebolístico, de acordo com o colunista Bruno Braz do portal UOL (2025).

Diante dos pontos anteriormente descritos, evidencia-se que o objetivo geral deste trabalho é analisar a geo-grafia do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador, buscando compreender como o clube produz, modifica e inscreve territorialidades no espaço urbano. Como objetivos específicos, pretende-se: (i) compreender o futebol como fenômeno social, cultural e espacial; (ii) mapear e analisar a distribuição espacial dos associados do Esporte Clube Bahia por bairro; e (iii) investigar os impactos do clube na mobilidade urbana, especialmente em dias de jogo, observando a reorganização de fluxos e a formação de centralidades temporárias.

A cidade de Salvador, marcada por profundas desigualdades socioespaciais segundo o Instituto Cidades Sustentáveis (ICS, 2024), e por uma intensa diversidade cultural, encontra no Bahia, um elemento simbólico que perpassa classes sociais¹, gêneros² e territórios³. Com sua

¹ Segundo Weber (1922), classe social é um conjunto de indivíduos que compartilham oportunidades de vida semelhantes, determinadas principalmente pela renda, tipo de ocupação e posição no mercado.

² Segundo o IBGE (2022), gênero é uma variável estatística que classifica a população de acordo com identidades construídas socialmente, distintas do sexo biológico.

³ Segundo Raffestin (1980), território é resultado de uma ação conduzida por um ator (ou atores) sobre um espaço. Essa ação produz relações de poder, e é por meio dessas relações que o território se constitui.

forte presença na mídia, nas práticas do cotidiano e nos deslocamentos urbanos, constitui um fenômeno que vai além do campo esportivo, refletindo e influenciando as dinâmicas espaciais e da identidade da capital metropolitana, termo explicitado por Stuart Hall (1997) como um processo em construção que se forma a partir das experiências sociais, relações de poder e do modo como os indivíduos se reconhecem em determinados grupos.

Segundo Gilmar Mascarenhas, “o futebol envolve práticas espaciais complexas, articuladas à produção e ao uso do espaço urbano” (Mascarenhas, 2006, p. 10). Ele se faz capaz de gerar deslocamentos — especialmente em dias de jogos, eventos e mobilizações — e de reforçar laços simbólicos e identitários entre os habitantes da cidade. Assim, o Esporte Clube Bahia pode ser entendido como um agente espacial que influencia não apenas a dimensão simbólica do espaço, mas também aspectos concretos da mobilidade e da organização socioespacial de Salvador, tendo como base teórica e arcabouço de argumentações, autores como Carlos Walter Porto-Gonçalves, Rogério Haesbaert, Natália Lage, Gilmar Mascarenhas, Milton Santos e Yi-Fu Tuan.

Nesse contexto, estabelece-se a questão norteadora que guia este estudo: qual é a geografia do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador? Aqui, o conceito elaborado por Carlos Walter Porto-Gonçalves torna-se fundamental. Para o autor, geo-grafia é a “escrita da terra”, isto é, a forma como sujeitos, práticas e relações sociais inscrevem sentidos, usos e disputas no espaço. A cidade, portanto, transcende a condição de simples cenário onde a vida ocorre, constituindo-se como um texto vivo continuamente escrito pelas ações de seus habitantes, pelos fluxos que a atravessam, pelos conflitos que a estruturam e pelos significados que ali se sedimentam. Aplicado ao presente estudo, esse entendimento permite tratar o Esporte Clube Bahia para além de instituição esportiva, mas como agente que participa ativamente da escrita territorial de Salvador, produzindo marcas materiais e simbólicas no espaço urbano.

Assim, ressalto que todo ser humano busca compreender alguma parte do mundo iniciando da sua realidade e esse é aqui, também um dos desejos. Compreender o meu mundo. Desde que tenho lembranças, sou alguém apaixonado por futebol, mais precisamente, pelo Esquadrão de Aço. É uma daquelas respostas que são “bate e pronto” para quem busca saber algo sobre a minha pessoa, e como um amor que nasceu ao longo da vida, a Geografia surge como uma ferramenta de compreensão e racionalização dessa paixão.

Entendo também, que esse trabalho não tem como objetivo atingir, rivalizar ou comparar o Bahia, a qualquer outro clube. É sabido por todos que, a cidade é movimentada em diferentes aspectos por diversos tipos de eventos, seja esportivo, festivo, cultural e/ou de qualquer outro

tipo. Respeitamos suas diferentes dinâmicas e fluxos. Esse trabalho, é apenas a realização de um sonho pessoal da junção entre o futebol, o Esporte Clube Bahia e a Geografia.

2. REFERENCIAL CONCEITUAL

É recorrentemente discutido nas universidades como produzir estudos que estejam diretamente conectados ao cotidiano da sociedade brasileira, de modo que a ciência se aproxime da realidade construída semanalmente pelos contribuintes do país. Nesse sentido, o ensino, a pesquisa e a extensão assumem a responsabilidade de devolver respostas sólidas sobre temas que atravessam sua experiência concreta. Como aponta Jürgen Habermas (2012), para que isso aconteça, é imprescindível que a pesquisa considere o mundo vivido das pessoas e busque compreender a complexidade da realidade social.

Justamente nesse ponto que o futebol se apresenta como campo fértil de investigação. Em 2024, uma pesquisa da CNN/Itatiaia/Quaest (2024) revelou que 89% dos brasileiros declararam torcer para algum clube de futebol. Quando observada a partir da perspectiva geográfica, essa informação revela um universo ainda pouco explorado, mas extremamente promissor, dada a capacidade do futebol de articular vínculos sociais, culturais e territoriais. Assim, neste trabalho, o futebol é adotado como elemento integrador entre pesquisa e sociedade, funcionando não apenas como fenômeno cultural, mas como chave interpretativa da geografia urbana.

Com essa compreensão geral, a investigação desse trabalho parte da análise dos dados do quadro associativo do Esporte Clube Bahia SAF para interpretação de quais vínculos territoriais, padrões de distribuição espacial e práticas sociais expressas pelos torcedores auxiliam na leitura da produção do espaço urbano soteropolitano.

A fundamentação teórica que sustenta essa discussão tem como um de seus principais referenciais o geógrafo brasileiro Gilmar Mascarenhas, cujas contribuições são essenciais para os estudos da Geografia do Esporte. Para o autor, o futebol articula práticas espaciais que dialogam diretamente com a dinâmica urbana, produzindo usos, centralidades temporárias e disputas simbólicas pelo território. O futebol, portanto, não apenas ocupa a cidade: ele a produz, interferindo nas formas de mobilidade, nos ritmos urbanos e nas apropriações do espaço público.

Ainda no campo de produções que relacionam geografia e futebol, destaca-se a dissertação de mestrado de Natália Lage (2024), “Territorialidades e hierarquias em torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista”. Embora trate de outro clube e tenha foco específico no comportamento territorial de torcidas organizadas, o trabalho oferece importantes contribuições metodológicas e interpretativas que orientaram a condução deste estudo.

Para aprofundar a análise dos processos territoriais aqui investigados, recorre-se às contribuições de Rogério Haesbaert (2004), especialmente no que se refere aos conceitos de território, desterritorialização e multiterritorialidade. Haesbaert comprehende o território como construção que envolve relações de poder e apropriação, manifestando-se tanto em dimensões materiais quanto simbólicas. Essa abordagem é especialmente útil para interpretar como vínculos espaciais podem ser rompidos, reconfigurados ou sobrepostos, produzindo múltiplos territórios vividos pelos torcedores.

A compreensão da relação entre o Bahia e Salvador também requer a leitura do espaço urbano conforme proposta por Milton Santos (1996), que o descreve como um sistema indissociável de fixos e fluxos. Os fixos são os objetos geográficos — ruas, avenidas, equipamentos urbanos, o próprio estádio — enquanto os fluxos correspondem aos movimentos que conectam esses elementos, como os deslocamentos dos torcedores, a reorganização do transporte público e a dinâmica econômica ativada em dias de jogo. Essa perspectiva é essencial para compreender por que e como a torcida do Bahia se distribui espacialmente na cidade.

No âmbito das dimensões simbólicas, recorre-se à noção de lugar formulada por Yi-Fu Tuan (1977), para quem o lugar representa o espaço vivido e carregado de valor afetivo. O espaço converte-se em lugar quando apropriado pela experiência, transformando-se em referência simbólica e emocional. A Fonte Nova, sob essa ótica, deixa de ser apenas um equipamento esportivo e torna-se um lugar de memória coletiva, palco de pertencimentos e elemento identitário tanto para os torcedores quanto para a própria cidade.

Finalmente, a cartografia desempenha papel decisivo neste estudo, uma vez que a base empírica da pesquisa é estruturada a partir de dados cuja compreensão exige necessariamente a análise espacial. A cartografia temática, como apontam Slocum et al. (2013), constitui instrumento fundamental para visualizar padrões, identificar concentrações e interpretar fenômenos espaciais complexos. No contexto do presente trabalho, os mapas permitem compreender a distribuição dos associados por bairro, revelando desigualdades, identidades territoriais e conexões históricas que estruturam a relação entre o clube e a cidade.

Assim, os conceitos apresentados fornecem a base conceitual necessária para a compreensão da relação entre o Esporte Clube Bahia e a cidade de Salvador. Território, territorialidade, desterritorialidade, multiterritorialidade, permitem analisar como o clube se posiciona na dinâmica urbana. Lugar, identidade e mobilidade explicam a distribuição e os deslocamentos da torcida. A cartografia espacializa e auxilia na identificação de padrões dessa relação. Essas categorias anteriormente citadas, orientam a metodologia e as análises seguintes expostas.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste Trabalho de Conclusão de Curso fundamenta-se em uma abordagem quali-quantitativa, adequada para pesquisas que envolvem tanto a análise de padrões numéricos quanto a interpretação das dinâmicas sociais e espaciais que não podem ser explicadas apenas por dados estatísticos. Segundo Minayo (2014), a combinação de métodos qualitativos e quantitativos permite compreender fenômenos sociais de forma mais completa, articulando objetividade e interpretação. Nessa mesma direção, Goldenberg (2004) destaca que a realidade social é complexa e multifacetada, exigindo instrumentos metodológicos capazes de abranger dimensões subjetivas e materiais.

Nessa perspectiva, articulam-se neste estudo procedimentos quantitativos, voltados ao tratamento, organização e espacialização dos dados de bairro da residência dos associados do Esporte Clube Bahia SAF, com técnicas qualitativas, orientadas pela leitura teórica e interpretação geográfica das práticas urbanas, das dinâmicas e territorialidades produzidas pelo clube.

Com base nessa abordagem integrada, o ponto de partida da investigação ocorreu em julho de 2024, quando foram iniciados os levantamentos bibliográficos, ação de extrema importância, visto que buscava a compilação do arcabouço teórico necessário para pleno desenvolvimento e sustentação da escrita a ser realizada. Procedeu-se à seleção, leitura e sistematização de obras acadêmicas que abordam temas de espaço urbano, território e suas derivações, como identidade, mobilidade, bem como a produção geográfica de futebol no Brasil.

A partir dessa triagem inicial, estabeleceu-se um conjunto de autores considerados referência obrigatória para o tema e a realização de fichamentos de suas leituras. Entre eles destaca-se Gilmar Mascarenhas, Natália Lage, Rogério Haesbaert, Milton Santos e Yi-Fu Tuan, todos esses, essenciais para a compreensão das dimensões urbanísticas e tudo que os permeiam.

Antes de avançar para o tratamento dos dados, torna-se necessário contextualizar a natureza administrativa do clube, uma vez que o Bahia se enquadra no modelo de Sociedade Anônima do Futebol que foi criado no Brasil pela Lei nº 14.193/2021, qual permite que clubes de futebol anteriormente categorizados como associações sem fins lucrativos, se transformem em empresas com fins lucrativos, podendo receber investidores, emitir ações e estruturar dívidas através do capital privado. Ao ser vendido, o clube adentrou ao modelo de SAF no ano de 2023 e passou a ser administrado pelo *City Football Group*, uma renomada *holding* de administração de clubes com sede em Manchester (Reino Unido), que conta em seu leque de

propriedades com instituições como Bolivar (Bolívia), Estac Troyes (França), Girona (Espanha), Lommel SK (Bélgica), Manchester City (Inglaterra), Melbourne City (Austrália), Montevideo City Torque (Uruguai), Mumbai City (Índia), New York City (Estados Unidos), Palermo (Itália), Shenzhen Peng City (China) e Yokohama F. Marinos (Japão).

Considerando essa estrutura organizacional e os desafios de acesso às informações, em 17 de junho de 2025, um segundo passo se constituiu: foi encaminhado ao clube um ofício explicando a motivação e solicitando o compartilhamento dos dados de idade, gênero e bairro de moradia dos sócios torcedores de maneira anonimizada, que entretanto, não obteve retorno. Após um mês de novas tentativas de modo formal e informal, no dia 17 de julho, a confirmação por parte do encarregado de proteção de dados aconteceu, sendo realizado o envio do arquivo no dia 30 de julho. Entretanto, considerando o tempo hábil, apenas o último será aqui descrito e analisado, ficando os dois primeiros temas para considerações futuras.

Enquanto havia um aguardo para o retorno oficial do clube sobre a disponibilização dos arquivos, adotou-se uma estratégia complementar: a realização de um questionário online entre 17 de junho e 17 de julho com o objetivo de gerar um banco de dados para a realização do trabalho, portanto, uma alternativa para possível negativa do clube. O formulário foi divulgado através das redes sociais como *WhatsApp* e *Instagram* e era composto por oito perguntas: “1. Você é torcedor(a) do Bahia? 2. Você faz parte de torcida organizada? Se sim, qual? 3. Você mora em Salvador? 4. Se sim, em qual bairro em que você mora? 5. Se você mora fora de Salvador, de qual país, estado e cidade você responde esse formulário? 6. Qual sua idade? 7. Qual seu gênero? 8. Se você não assiste os jogos do Bahia na sua casa ou estádios, qual seu lugar favorito para assistir?”. Após a finalização da aplicação, o questionário alcançou 322 respostas ao longo de 30 dias e, embora o volume seja relevante, o processamento dos dados foi secundarizado, tendo em vista a prioridade atribuída à análise dos dados oficiais do clube.

Com o recebimento dos dados oficiais em 17 de julho, iniciou-se a etapa de curadoria dos 111.396 dados disponibilizados pelo Esporte Clube Bahia SAF. Para isso, foi realizado manualmente duas verificações dos dados entregues, sendo padronizada a nomenclatura dos bairros – acentuação, caixa alta, exclusão de números – ou o dado excluído de acordo com inconsistências identificadas, como: campos vazios ou imprecisos (sendo disponibilizados apenas com o nome da rua/avenida, nome da edificação ou com nome que não é oficializado como bairro). Após a finalização da curadoria, constatou-se que 878 registros, correspondentes a aproximadamente 0,79% do total, não puderam ser utilizados, resultando em 110.518 dados devidamente tratados. Em seguida, os nomes dos bairros foram uniformizados conforme a nomenclatura oficial da Prefeitura Municipal de Salvador, e seus atributos preparados para a

integração espacial. Apesar das intercorrências mencionadas, o volume de dados remanescente mostrou-se suficientemente robusto para a utilização na pesquisa, preservando a acurácia e a precisão da análise.

Após a padronização e validação das informações, procedeu-se à etapa de espacialização e para isso, foi utilizada a filtragem do Excel e criada uma nova planilha para que nela, fosse computada o quantitativo de repetições dos dados tratados. Após a realização dessa filtragem e repasse dos valores para o novo documento, utilizou-se a ferramenta *join* no software *ArcGis* para que os dados fossem incorporados aos *shapefiles* de bairro, dado esse que é de livre acesso e confecionado pela Prefeitura Municipal de Salvador. Tendo as novas informações geradas e agrupadas de modo organizado, havia a possibilidade de iniciar a interpretação e confecção dos mapas.

Na quinta etapa metodológica, foram produzidos produtos cartográficos destinados à análise da distribuição espacial dos dados. A leitura e a interpretação desses mapas possibilitaram a formulação das primeiras inferências analíticas. Os mapas foram elaborados no software *ArcGIS* e contemplam diferentes recortes temáticos relacionados à dinâmica urbana e esportiva do Esporte Clube Bahia. Também foi organizada uma tabela (Apêndice 2) contendo a porcentagem moradores dos bairros que são associados ao Clube.

Para garantir uma representação fidedigna das variações internas dos dados nos mapas, adotou-se a classificação automática do tipo Quebra Natural (*Jenks*), método amplamente empregado em cartografia para conjuntos de dados que apresentam distribuição não uniforme. O algoritmo de *Jenks* identifica padrões internos nos valores e minimiza a variância dentro de cada classe ao mesmo tempo em que maximiza a variância entre as classes, produzindo intervalos que refletem a estrutura estatística real dos dados analisados.

Dessa forma, a classificação evita a criação de classes com amplitude semelhante - como ocorre em métodos de intervalos iguais - e reduz o risco de interpretações equivocadas em distribuições muito concentradas ou com valores extremos. Como os dados referentes ao número de associados por bairro apresentam forte discrepância entre os bairros mais e menos populosos, a Quebra Natural mostrou-se a metodologia mais apropriada para representar adequadamente essa variação, destacando concentrações reais e evitando uniformização artificial. Para o mapa principal, ficou definido seis classes sendo elas: 1^a – 0 associados (sem presença); 2^º - 1 a 303 associados (baixa associação); 3^º - 304 a 774 associados (moderada associação); 4^º - 775 a 1.389 associados (alta associação); 5^º - 1.390 a 2.390 associados (muito alta associação) e 6^º - 2.391 a 3.910 (extremamente alta associação).

No que se refere ao mapa da renda média dos responsáveis por domicílios, faz-se necessário esclarecer que não foi possível utilizar os dados do Censo de 2022, em razão da inexistência de valores disponibilizados por bairro pela Prefeitura Municipal de Salvador. Dessa forma, optou-se pela utilização dos dados do Censo de 2010, que, embora defasados temporalmente, possibilitam a realização de análises comparativas ao serem classificados através das faixas de renda.

Neri, no ano de 2010, realizou um estudo vinculado a Fundação Getúlio Vargas (FGV), dividindo as faixas de renda brasileira à época em Classe E: até R\$ 705; Classe D: R\$ 705 a R\$ 1.126; Classe C: R\$ 1.126 a R\$ 4.854; Classe B: R\$ 4.855 a R\$ 6.329; Classe A: acima de R\$ 6.330. Assim, quando vinculados, esses dois fatores tornam possível a observação da distribuição espacial x renda, pois um bairro caracterizado como Classe D, não irá ter sua classificação modificada completamente nesse espaço de tempo, permitindo observações de maneira mais assertivas.

Por fim, após a sistematização teórica, o tratamento dos dados e a realização da cartografia, a metodologia adotada permitiu integrar de maneira consistente abordagens qualitativas e quantitativas. Compreensão essa que é essencial para um fenômeno que é simultaneamente numérico, territorial, simbólico e cultural. A articulação entre o método qual-quantitativo e a cartografia temática possibilitou não apenas descrever a presença territorial do clube, mas interpretá-la à luz do referencial conceitual selecionado, estabelecendo relações entre mobilidade, centralidades e reconfigurações do espaço vivido. Como afirma Santos (1996), o espaço resulta da interação entre fixos e fluxos, por isso, a análise espacial dos associados só se completa quando considerada também em seu aspecto simbólico e experiencial, revelado nas leituras qualitativas mobilizadas.

Em suma, a metodologia adotada estabelece dentro do caminho percorrido, uma base sólida para a análise da Geografia Urbana do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador.

4. BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL NO MUNDO

Embora atualmente o termo “futebol” seja associado, de forma quase imediata, a lembranças da infância, a jogos nas ruas, aos encontros de fim de semana entre amigos ou às elevadas cifras movimentadas no âmbito profissional, essa prática nem sempre ocupou um lugar de prestígio social. Em seus primórdios, o futebol era visto com desdém pela elite britânica, que o considerava uma atividade inferior. Segundo Murray (2000), tal depreciação estava relacionada à simplicidade de sua prática — em contraste com esportes mais onerosos, como as atividades equestres —, à sua inutilidade para o treinamento militar e à percepção de que representava uma ameaça ao espírito, em razão de sua licenciosidade. Esse último aspecto é reforçado por Mascarenhas (2014), ao destacar a valorização da erudição e de um rigor moral e intelectual, que resultava na desqualificação das atividades corporais e musculares.

(...) da orgia pública pagã às renúncias corporais do espaço cristão. Foi justamente o imperador romano Teodósio, no ano de 349, portanto já em plena vigência da hegemonia cristã, quem proibiu a continuidade dos Jogos Olímpicos, que existiam há mais de mil anos. O corpo deveria resignar-se aos imperativos da alma, que se quer purificar pelo controle severo dos impulsos carnais. (Mascarenhas, 2014, p. 64)

Uma aproximação ao modo de prática do futebol que conhecemos na atualidade ocorre no ano de 1863 com a fundação da *Football Association* (FA), através da elaboração de suas 13 primeiras regras, sendo redigida em um documento conhecido como *FA Minute Book*. De acordo com seu site oficial, foram escritas leis como a obrigatoriedade ao campo ser retangular, presença de arbitragem, uso de traves e a proibição do uso das mãos, exceto para os goleiros, entre outros, sendo por conta desse documento, a Inglaterra considerada o país fundador do futebol.

Todavia, anteriormente a tudo isso, há relatos de “jogos de chutar”, assim denominado por Murray (2000) na China, Japão, Grécia e Roma Antiga. Murad (2007) afirma que na antiga China, a realização de jogos chamados de *tsu chu* eram na verdade, rituais de guerra. Após uma batalha, aquele que saísse vencedor cortava a cabeça do chefe e/ou dos melhores guerreiros para jogar e tentar passar suas cabeças por duas estacas de madeira no chão.

No Japão, de acordo com Voser et al. (2010), o *kemari* foi criado com objetivo de treinamento militar, sendo a bola feita com fibras de bambu e sem contabilização de pontos, apenas com o único objetivo de não permitir que ela tocasse o chão. Ainda segundo o autor, era uma prática extremamente rígida quanto ao não contato físico, gerando a punição de exclusão para aqueles que, por qualquer motivo, tocasse o outro.

Massarini e Abrucio (2004) destacam o *Pok-ta-Pok* desporto praticado pelos Maias, conhecido também como “jogo de bola mesoamericano” que era praticado com regras simples: não poderiam haver toques na bola com o pé, mão e/ou cabeça, utilizando-se de coxas, costas, cintura, tendo como objetivo acertar o “gol” que era um pequeno círculo no muro da arena.

Na Grécia Antiga, localização berço dos Jogos Olímpicos e de cultura que valorizava o exercício físico e mental, Duarte (2004) relata que o *Epyskiros* foi um esporte praticado que continha como bola uma bexiga de boi revestida com uma capa de couro e que se tornou um precursor do *Haspartum* que teve como evolução a organização tática, nomeando e dando funções iniciais aos defensores, meio-campistas e ofensivos.

Avançando aos tempos mais recentes, com a expansão de pessoas que praticavam o futebol, clubes e campeonatos, Murray (2000) afirma que houve uma busca pela padronização do futebol e também para saber quem seria responsável pela sua regulação, sendo criada a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), que conforme o seu site oficial, ocorre em 1904 pelo francês Robert Guérin, unido a outros representantes de Holanda, Suíça, Dinamarca, Bélgica, Suécia e Espanha. Esse foi um importante marco para história do desporto, pois a partir dali ganharia outra conotação.

É a partir da chancela da FIFA que o futebol passa a encontrar suas primeiras oportunidades oficiais de integração a competições internacionais, como os Jogos Olímpicos de Londres, de 1908. Além disso, ela também continua o trabalho iniciado em 1863 pela *Football Association* (FA), atualizando as regras com o objetivo de prosseguir no desenvolvimento da execução do jogo. Também é a partir dela que o futebol passa a ganhar cada vez maiores fluxos financeiros, acompanhados por *status*, *glamour* e escândalos de corrupção como o *FIFAgate* em 2015, responsável por movimentar mais de 150 milhões de dólares para que países pudessem sediar a Copa do Mundo de Futebol (BBC News, 2015). Compreender, portanto, esse breve histórico feito acima com a finalidade de nortear, resulta em um melhor entendimento evolutivo do futebol e no que ele passará a representar nos tempos modernos.

4.1 Futebol, Geografia e a Cidade

A chegada do esporte bretão ao Brasil, segundo Mills (2005), ocorre com o retorno de Charles Miller de Southampton (Inglaterra) para São Paulo, em 1894. Em sua volta, o patrono do futebol brasileiro trazia consigo, um livro de regras da *Football Association* (FA), duas bolas de futebol, uniformes, uma bomba de ar e um par de chuteiras. De acordo com Lage (2024),

apesar da imprecisão quanto a datação da primeira partida de futebol no país, há uma crença que ela ocorreu no dia 14 de abril de 1895 na cidade de São Paulo entre funcionários de empresas inglesas. Entretanto, devido a essa impropriedade, a autora também afirma que alguns historiadores contestam o pioneirismo de Charles Miller alegando que o esporte já era realizado de modo recreativo.

Loïc Ravenel (1998) no livro “A geografia do futebol na França” identifica três tipos de difusão do futebol, sendo eles por transplante, quando um inglês vive em outro país e funda um clube de futebol, ou por relação, quando o cidadão daquele país tem contato com um inglês, ou por imitação, que é quando o nativo ao ver os ingleses jogando futebol em diferentes locais, acaba por inseri-lo também em sua rotina. Entretanto, Mascarenhas (2014) apesar de entender e concordar com a importância da participação inglesa, tenta ir além das possibilidades mais superficiais trazidas por Ravenel.

Nesse contexto para Mascarenhas (2014), os ingleses que imigraram para o Brasil e trabalharam em setores do mercado interno, minas e fábricas, pouco contribuíram para disseminação do esporte no país. Para ele, um dos principais responsáveis pela propagação do futebol foram os marinheiros britânicos que atracavam nos portos brasileiros e neles jogavam bola. Todavia, ele relata que nem todo país sofreu essa influência britânica, devido a algumas localidades não estarem na rota do investimento inglês, com isso, coube as congregações religiosas e educacionais através de suas expedições, divulgar a modalidade para as áreas mais remotas.

Em seu início, o futebol era vinculado às elites (Lage, 2024), uma vez que sua importação estava principalmente vinculada a jovens de alta classe que eram enviados por suas famílias para estudar na Europa e após um período de vivência, retornavam encantados com esse esporte, assim como foi com Charles Miller.

No que se refere à prática do futebol ainda nesse período, constatamos que o esporte era restrito a uma parcela economicamente privilegiada da população: a elite branca que dominava as ligas de futebol. Como grande exemplo, o São Paulo Athletic Club, fundado em 1888 por Miller em São Paulo, teve um papel importante na estruturação do futebol entre a elite paulista, já que as competições eram realizadas por membros da alta sociedade em colégios católicos, militares e particulares da cidade. (Lage, 2024, p. 29)

É de conhecimento amplo que sua disseminação pelo país ocorreu de maneira vagarosa em decorrência das dificuldades encontradas para aceitação e prática entre as diversas camadas brasileiras existentes a época. Havia uma resistência cultural, principalmente em locais afastados da urbanização trazida através do contato com a zona portuária, sendo inadmissível

para muitos, a “perca de tempo” com uma bola em comparativo a estar em contato com a natureza ou reuniões familiares para o conto de histórias.

Sexto filho de família de pequenos proprietários rurais, para o menino Moisés a bola de meia para se jogar futebol ocupava um lugar bastante secundário no vasto leque de possibilidades lúdicas oferecidas pelos riachos, árvores, pastagens, animais e plantações. (Mascarenhas, 2014, p. 24)

Ainda sobre esse afastamento da população da área urbanizada, as dimensões continentais brasileiras e o território fragmentado, com uma diminuta base urbana (Mascarenhas, 2014) — que em 1900 tinha menos de um décimo da população vivendo em cidades — reforçam a dificuldade de disseminação inicial do futebol no país. Como afirma Mascarenhas (2002, p. 4), “no ano de 1905, o futebol era ainda desconhecido para a ampla maioria dos brasileiros, e bem poucas cidades no Brasil o praticavam com alguma regularidade.”

Na mesma linha, só que em referência a dificuldade de ingresso pelo cultural, Graciliano Ramos, cronista alagoano, expõe o desgosto e antipatia de parte dos brasileiros que não aceitavam de bom grado a inserção dos ingleses na cultura local. Isso pode ser relacionado, segundo Mascarenhas (2014), com a ausência de prática de esportes no sertão nordestino, visto que quando comparado ao sul do país, zona colonizada pelos alemães e com maior presença de esportes em sua cultura, esse estranhamento não foi tão comum.

Pensa-se em introduzir o *football* nesta terra. [...] Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente [...] um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. [...] Temos esportes em quantidade, para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O *football* não pega, tenham a certeza. (Ramos, 1990, pp. 24-5 *apud* Mascarenhas, 2014, p. 24)

Como demonstrado até agora, o futebol é um reflexo dos acontecimentos da época em que a sociedade vive, portanto, mesmo tendo a escravidão abolida através da Lei Áurea no ano de 1888, sabemos que essa datação era muito recente, contando com pouco menos de 20 anos de tal feito para chegada do futebol e como reflexo, ainda vivíamos um período de exclusão massiva de pessoas pretas em incontáveis âmbitos da sociedade e com o esporte trazido pela elite brasileira e pelos europeus, não foi diferente a marginalização vivenciada.

Preto só entrava no *scratch* uma vez na vida e outra na morte... Cada lugar do *scratch* tinha um dono: branco de boa família. A superioridade de raça: da raça branca sobre a raça preta; a superioridade de classe: da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa. (Filho, 1947, p. 69).

De acordo com Mário Filho (1947), os primeiros negros e operários foram aceitos nos clubes menores, localizados por muitas vezes em bairros periféricos, e rapidamente, as equipes maiores de domínio elitista, adotaram o discurso que essa presença evidenciava justamente, a diferença e a distância entre os clubes profissionais e de várzea.

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o grande futebol, o das elites, e o pequeno futebol, dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos gentlemen ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de canelas negras. (Santos Neto, 2002, p. 53 *apud* Lage, 2024, p. 30).

Mário Filho (1947, p. 69) ressalta também que mesmo com o aumento progressivo da presença de negros em campo, a elite branca não via como um problema, pois constantemente repetiam que "somente quando um branco que deveria jogar estava fora, doente ou coisa que o valha, então o preto podia jogar".

Aos poucos, a democratização do futebol permitia um avanço territorial e de praticantes - inserindo ainda mais os pretos, por exemplo -, alcançavam também classes mais populares e influenciavam cada vez mais na dinâmica das cidades. Mascarenhas (2014) ressalta que a facilidade para "jogar bola" em qualquer local, foi outro fator determinante para a popularização do esporte, porque a bola, as traves e até mesmo o campo, podiam ser adaptáveis, mas para além deles, a facilidade gerada pelas poucas regras e o clima tropical permitiam que fosse praticado durante todo o ano.

Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja. [...] A sociabilidade de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol. (Seabra, 2000, p. 14 *apud* Mascarenhas, 2014, p. 90).

Com essa disseminação, o futebol intensifica a mudança na geografia urbana das cidades e esse movimento é explicado principalmente pela apropriação do futebol em favor da industrialização do país, um processo que ocorreu tarde, mas que ganha força a partir de 1930 com a queda da política cafeeira. Os empresários da época passaram a enxergar no futebol, uma possibilidade de enfraquecimento do movimento sindical que passava por um momento de fortalecimento e brigas sociais, utilizando denominado por Mascarenhas a "pedagogia da fábrica".

Essa ação se baseava em criar equipes de futebol daquela indústria que os operários trabalhassem, vestindo de forma literal a camisa da empresa e fazendo com que competissem entre eles para saber qual seria o melhor elenco e consequentemente, a melhor empresa. Ações como a de seguir as determinações do treinador, trabalho em equipe, especialização em sua função no campo, a cronometragem do tempo e o respeito a hierarquia, faziam parte dessa “pedagogia” que buscava moldar o trabalhador aos interesses fabris.

Havia, portanto, muitas razões para que o empresariado fabril se interessasse pela criação de ‘times de fábrica’. Ademais, nos campeonatos ou jogos avulsos, estavam colocando operários em disputa com outros operários, desviando o foco do confronto de classes. O trabalhador vestindo a camisa da empresa para jogar futebol significaria, muito mais que fazer sua propaganda, assumi-la como “sua” instituição, um grau inequívoco de pertencimento. (Mascarenhas, 2014, p. 93).

É importante haver essa consciência histórica do processo de chegada e da democratização da prática do futebol para o entendimento do reflexo que o mesmo causa na geografia urbana. Não é habitual encontrarmos o futebol sendo tratado a partir do meio de estudo geográfico, mas ao observarmos todos os fatos anteriormente citados, é possível identificar ligações com um ou mais fatores urbanos. A dificuldade geográfica para expansão do futebol, os entraves culturais, a revolução industrial, a imigração do futebol para o país através da vinda de britânicos e de retornos de filhos da elite brasileira, entre outros pontos são todos exemplos da Geografia do futebol.

Se a geografia está em toda a parte, o futebol também está, fazendo parte dessa geografia e povoando os corações flamenguistas, corintianos, atleticanos e colorados, para mencionar apenas algumas das tribos do futebol do Brasil. (Corrêa *in* Mascarenhas, 2014, p. 12)

Seja em uma rua ocupada por crianças com dois chinelos representando o gol e uma bola velha ou em um estádio de Copa do Mundo que custou milhões de dólares para ser construído e uma bola da mais alta tecnologia, de alguma forma, o futebol estará impactando na geografia daquele local. Através de uma mudança ou interrompimento temporário do fluxo de uma avenida, na valorização financeira de uma área devido à proximidade desse equipamento esportivo, na convergência de deslocamento de pessoas por uma faixa de tempo, pela extensão do horário de funcionamento de um transporte público ou pela construção de novas vias, o futebol de diferentes maneiras está a se fazer presente e carrega consigo, um passado de construção geográfica, deixando de ser com o passar do tempo um desporto amador para ser uma indústria de alta rotatividade financeira.

Justamente por essa alteração no modo de construção do futebol, os estádios passam a figurar mais claramente como um dos indícios de aumento da presença capitalista. Anteriormente, com sua arquitetura que se assemelhava a um teatro e poucos assentos - variavam de dois a cinco mil lugares de capacidade -, deram lugar a estádios maiores, construções monumentais para época e que hoje, quebram recordes financeiros e se tornam muitas vezes, mais do que um local para prática de futebol, mas uma arena de shows, museus, *shoppings centers*, são por isso, em muitos momentos denominadas como arenas multiusos.

O estádio mais do que um local para prática esportiva é momento e lugar de realização de parcela da vida urbana (Mascarenhas, 2001), mas realizando um aprofundamento dessa inferência, podemos reforçar que ao frequenta-los, memórias são criadas, identidade adquiridas, territórios são reorganizados e fluxos são modificados, assim, esclarecendo de uma vez por todas que esse esporte não é apenas um agente passivo moldado pela realidade, mas também, um agente ativo responsável por moldar aquilo que está a sua volta.

Isto posto, se conclui que esse caminho transformou o futebol no esporte que hoje é responsável por movimentar cifras bilionárias, movimentar posições políticas mundiais, organizar os territórios a sua volta, mas ainda ser um ativo cultural e de respeito a tradições. A partir desse momento, se faz possível iniciar a nossa análise e busca pela compreensão da relação que o Esporte Clube Bahia carrega com a cidade de Salvador, local qual foi fundado e vive intrinsecamente o seu dia a dia.

5. A GEOGRAFIA URBANA DO BAHIA NA CIDADE DE SALVADOR

Aumentando a escala com o objetivo de chegar no objeto de estudo que é a geografia urbana do Esporte Clube Bahia, faz-se necessário percorrer rapidamente e de modo superficial pela antiga relação de Salvador com o futebol, antes de sua fundação que em nada foge muito do que acontecia de modo geral no país. Assim como Charles Miller, o responsável por trazer o futebol para Salvador também retornava da Inglaterra e trazia na mala uma bola de futebol e um livro de regras em 1901 (Leandro, 2011). O responsável seria o brasileiro José Ferreira Júnior, mais conhecido como Zuza, que foi até o Campo dos Mártires - logo depois viraria Campo da Pólvora - e improvisou traves com pedras e deu início ao futebol na capital baiana que tempos à frente, substituiria o críquete nas preferências de partidas dos soteropolitanos.

O primeiro campeonato estadual foi realizado cerca de 4 anos depois em 1905, e na realidade, o formato foi de um quadrangular restrito a elite, ocorrendo os jogos no agora nomeado como Campo da Pólvora, primeiro espaço destinado a realização de partidas de futebol (Federação Baiana de Futebol) que contou como primeiro clube campeão baiano, o Internacional de Cricket, equipe inteiramente formada por ingleses (Mascarenhas, 2014).



Figura 1 – Partida no Campo da Pólvora. Autor: Desconhecido. Fonte: Turma do Campo da Pólvora; Dilson Silveira / Biblioteca do CRD [s.d].

Pouco tempo depois, no ano de 1920, o Estádio da Graça ou Estádio Arthur Morais era construído e passava a ser motivo de orgulho para a elite soteropolitana. Em seu quarto capítulo do livro “Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol”, Gilmar Mascarenhas relata que o estádio era situado na Graça, área que formava a zona

mais nobre da cidade no início do século XX e se localizava em meio a mansões senhoriais.

A elite de Salvador, desde 1920, orgulhava-se do Estádio da Graça, situado na Graça, vizinho ao bairro Vitória, com ele formando a zona mais nobre da cidade no início do século XX. Em meio a modernas mansões senhoriais, o bairro representava a essência da modernidade soteropolitana, higienista, que recentemente abandonara o núcleo histórico da capital, insalubre e de vielas acanhadas, para se instalar em zona mais arejada, dotada de vias mais largas e retilíneas, ensolaradas, conforme os princípios do novo urbanismo. Daquela geração de estádios, foi um dos que mais resistiram às pressões imobiliárias, sendo demolido finalmente em 1970, para dar lugar a quatro edifícios residenciais. Lamentável aniquilamento de um belo capítulo da história do futebol baiano. (Mascarenhas, 2014, p. 111).



Figura 2 - Torcedores no Estádio Arthur de Moraes, o extinto Campo da Graça.
Foto: Antônio Roberto Pellegrino/Semana Sportiva/arquivo familiar. Fonte: Jornal A Tarde [s.d].

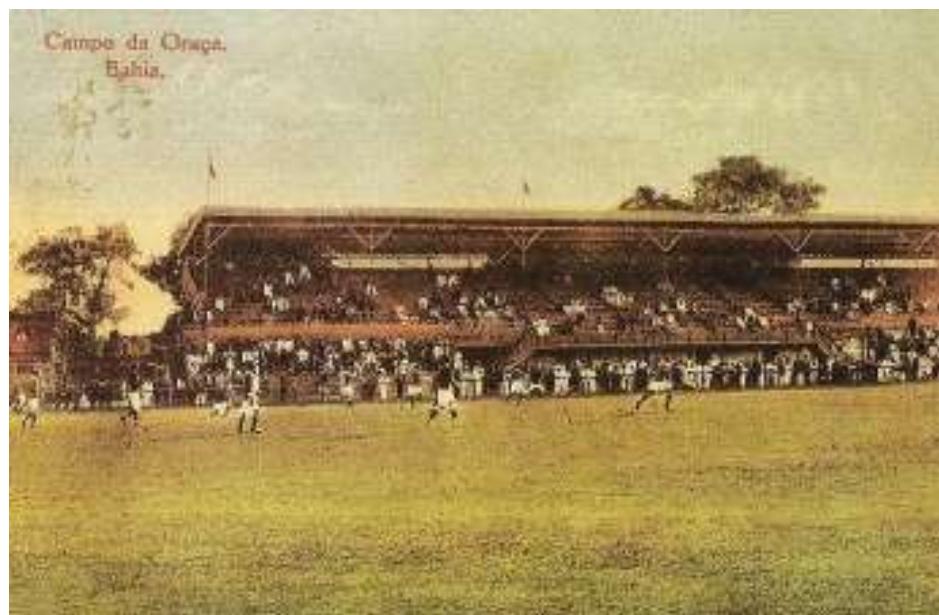


Figura 3 – Campo da Graça. Autor desconhecido. Fonte: Jornal Fatos&Points [s.d].

Para termos uma melhor noção da sua localização, os escritos da época delimitam o campo entre a Rua Catarina Paraguaçu, Rua Humberto de Campos e a Rua Euclides da Cunha, porém, como citado acima, seu espaço foi vendido em 1970 e hoje, cedeu seu território e suas memórias para construção de prédios como podemos visualizar na figura abaixo.



Figura 4 – Localização de onde seria o Campo da Graça nos dias atuais. Fonte: Globo Esporte, 2024.

Enquanto esteve em funcionamento, o campo da Graça foi responsável por abrigar as partidas de clubes baianos como o *Club Internacional de Cricket* (primeiro campeão baiano), *Sport Club Ypiranga* (1906), *Botafogo Sport Club* (1914) e o *Sport Club Bahia* (1931), entre outros. Esse último, tema principal da escrita e ainda carregando sua primeira forma de escrita do nome, mandou os seus jogos por cerca de 20 anos no Arthur de Moraes e se sagrou campeão pela primeira vez em sua história em seu ano de fundação, vencendo o Campeonato Estadual de 1931 e iniciando a consolidação para representação da sua cidade.



Figura 5 – Arquibancadas de madeira do Campo da Graça. Autor desconhecido. Fonte: Globo Esporte, 2024.

Antes de falar da fundação do Bahia, evidencia-se que a criação de ligas para regulamentação do esporte no âmbito estadual, a fundação de clubes tanto da elite quanto de origem popular, a construção de uma praça exclusiva ao esporte, apoio de poderes públicos e a cobertura da imprensa foram responsáveis pela propagação e democratização do futebol em Salvador. Para além, é de conhecimento que naquele momento havia um projeto para disseminação do futebol em todo o Brasil, como explorado no capítulo anterior. Mascarenhas (2014, p. 91) afirma que a classe empresarial, obtendo a percepção que eram vistos como o “esporte imperialista” e as existentes tensões com o movimento sindical “interessada em novos meios de controle das camadas populares”, utiliza do esporte para realizar técnicas de apaziguação.

Com essa expansão, é fundado o Esporte Clube Bahia no primeiro dia de janeiro do ano de 1931, conforme indica o seu site oficial. O clube surge após Associação Atlética da Bahia e Clube Bahiano de Tênis - que seus fundadores faziam parte - terem optado por acabar com seus departamentos de futebol, sem fontes que detalhem a motivação. A criação do Bahia passa nas mãos de liberais, estudantes, funcionários públicos, microempresários e jornalistas, sendo uma composição mais heterogênea do que o encontrado em boa parte das equipes baianas que dominavam o futebol naquela década, tornando-o amplo e plural. Portanto, não se faz a partir de uma ruptura abrupta, mas parcial e gradual que vinha acontecendo também em outros locais do país. Deste momento em diante, o futebol não estava mais totalmente restrito para as elites.

O Tricolor Baiano inicia a sua história que se tornaria hoje quase centenária, no centro da cidade de Salvador, sendo fundado na casa de número 57 da Rua Carlos Gomes (Esporte Clube Bahia), um eixo urbano extremamente movimentado (Huapaya Espinoza, Pessoa e Castro, 2018). Nesse momento da história, o espaço contava com a presença de teatros (Spinola e Marinho, 2016) e se consolidava como um espaço boêmio devido a presença de cassinos e cabarés luxuosos (Freire, 2020), sendo uma zona de transição entre os locais políticos como a Praça Municipal e a moradia de famílias de alta classe na Graça. Sofreu forte influência da *belle époque* (Huapaya Espinoza, Pessoa e Castro, 2018), tendo seu modelamento de acordo com a compreensão de elegância e modernização pensada pela elite branca daquele momento histórico.

As grandes obras de remodelamento – como o alargamento da Av. Sete, o alargamento da Av. Joana Angélica, a derrubada da Sé para se tornar terminal de bondes, o fornecimento de água encanada e reforma do sistema de saneamento no Centro e proximidades, a quantidade de linhas de bondes, as pequenas ruelas transversais alargadas, a reforma da Av. Jequitaia inteira e todo o eixo que liga ao Aeroporto dos Tanheiros – indicam: o empenho e a quantidade de dinheiro público gasto em obras de modernização de parte da cidade, que não necessariamente precisavam ou precisariam destas obras de remodelamento se não fossem pelas próprias políticas de modernização abrupta já inseridas – como o automóvel e os constantes engarrafamentos; o total esquecimento de zonas carentes de infraestrutura e urbanização, mesmo que com densidades demográficas significativamente altas. Esses bairros esquecidos coincidentemente eram bairros formados, em sua grande maioria, por população negra, distanciados do centro, de perfil financeiro baixo e de desenvolvimento autônomo e informal. Reunindo estas características, pode-se afirmar historicamente o caráter elitista das administrações públicas da cidade de Salvador e identificar razões para as atuais problemáticas envolvendo estes bairros e os demais que cresceram nesta mesma perspectiva. (Espinoza, Pessoa e Castro, 2018, p. 13).

Sua fundação com composição diversificada e realização de seus jogos por duas décadas no Campo da Graça é uma evidência que reforça a abrangência social ocorrida no futebol, tendo em conta que a elite soteropolitana passaria a ter de conviver com um início dessa abertura nas arquibancadas do local em que se orgulhavam de ter como marca do higienismo e com a oportunização simbólica trazida não somente, mas também pelo Bahia.

Passados os vinte anos, chegando em 1951 é inaugurado o Estádio Octávio Mangabeira (Secretaria de Comunicação Social), vizinho à Fonte das Pedras e ao Dique do Tororó, locais marcantes e históricos da história de Salvador e que, a partir daquele momento, passaria a ser o novo abrigo do Esporte Clube Bahia.

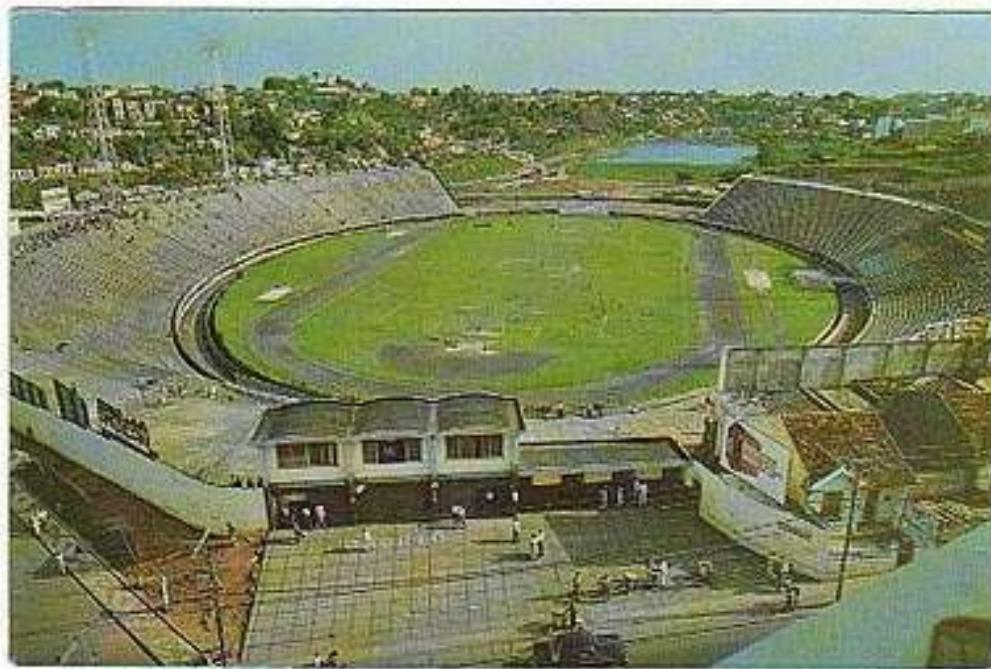


Figura 6 – Estádio Octávio Mangabeira na década de 1960. Autor: Diógenes Rebouças [s.d].

Mascarenhas (2014) diz que o objetivo inicial era que o estádio estivesse na Copa de 1950 e as obras foram iniciadas visando este planejamento, entretanto acabaram atrasadas e concluídas somente seis meses após a realização do evento. Gilmar Mascarenhas (2014) afirma também que a Bahia seguia o mesmo padrão de alguns outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro com o Pacaembu e Maracanã, respectivamente, construindo “um monumental estádio estadual” que continha embutida em sua estrutura, uma escola.

O Bahia então realiza o seu primeiro deslocamento, demonstrado na figura 7. Sai de um espaço central, porém restritivo para outro ainda central, mas popular, mantendo viva a sua característica de estar próximo ou dentro da centralidade da cidade. Bairros como Tororó, Nazaré, Brotas, começam a lapidar sua história, criar seus vínculos, suas trocas e a proximidade com o clube. Ali então, a Fonte Nova passa dia após dia, a se transformar na identidade do Bahia, carregando consigo pedaços da história, memórias afetivas e culturais. Não se trata apenas de ocupar um espaço, mas de transformá-lo em lugar — no sentido proposto por Yi-Fu Tuan — um espaço vivido, experimentado e dotado de valor. Como afirma o autor: “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1977, p. 6).

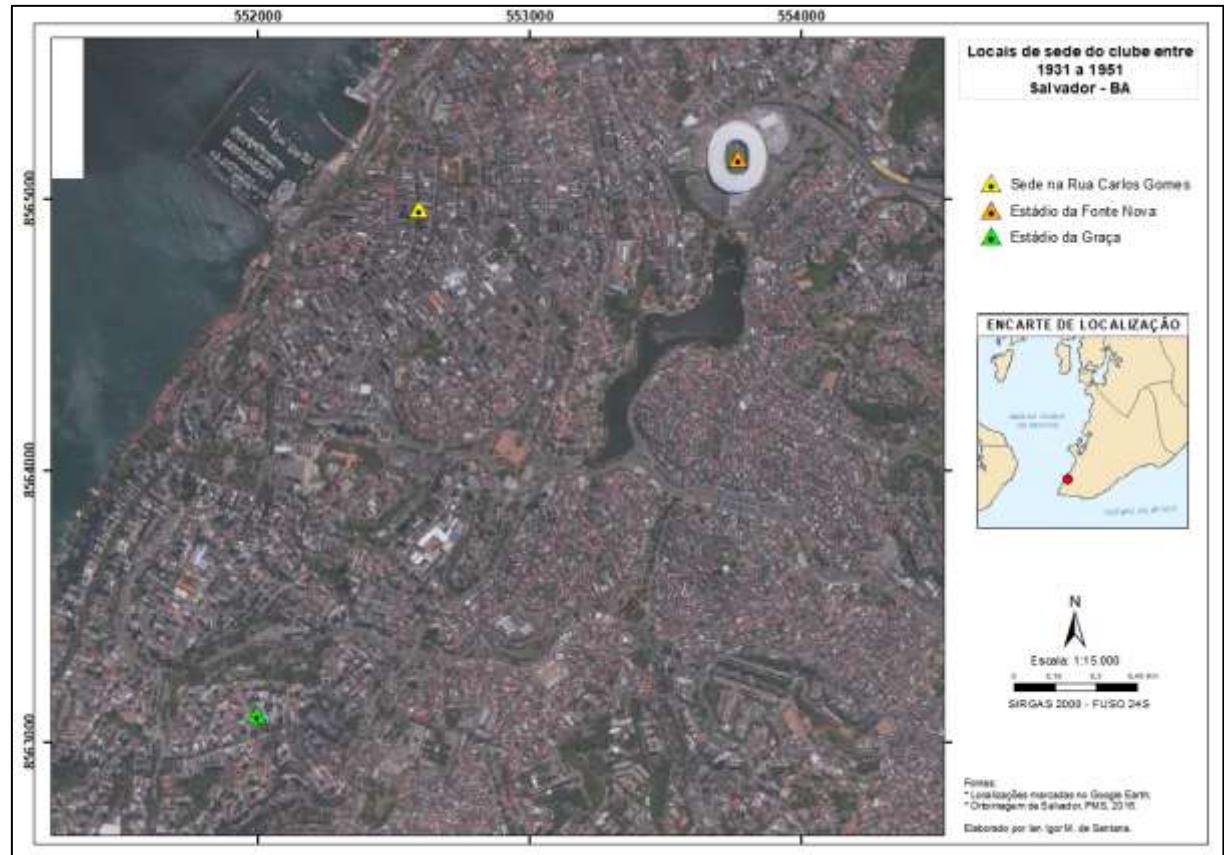


Figura 7 – Locais de sede do clube entre 1931 a 1951. Elaboração do autor, 2025.

Com anos do mando de campo na Fonte Nova, o clube passou por diversos momentos dentro da sua história. Títulos brasileiros, rebaixamentos, clássicos estaduais e regionais, inúmeros acontecimentos que fortaleceram a memória afetiva do torcedor, fazendo com que as localidades próximas ao estádio fossem cada vez mais habituados a estarem inseridos em dias de jogos do Bahia e criando através deles, uma zona de poder simbólico. Isso foi colocado a prova após a tragédia⁴ ocorrida em 2007 (figura 9), qual resultou na perca de 7 torcedores e dezenas de feridos, fazendo com que o estádio ficasse impossibilitado de utilização até 2013.

Esse período de 6 anos fora difícil para o clube-torcida, passando por um processo de desterritorialização (Haesbaert, 2004), tendo de mandar principalmente os seus jogos nos estádios Joia da Princesa (Feira de Santana), Governador Roberto Santos e no Armando de Oliveira (Camaçari) como exposto nas figuras 8, 10, 11 e 12. Foram momentos de uma ruptura afetiva que causou estranheza e distanciamento que

⁴ A tragédia ocorrida no Estádio Octávio Mangabeira em 25 de novembro de 2007, resultou no desabamento de parte da arquibancada superior durante a partida Bahia x Vila Nova em que o Bahia vencia e garantia seu acesso para Segunda Divisão nacional, ocasionando a morte de sete torcedores e deixando dezenas de feridos. O acidente levou ao fechamento do antigo estádio e posteriormente à construção da Arena Fonte Nova. Fonte: Globo Esporte

entretanto, foi deixada para trás com a reinauguração da Fonte Nova que atualmente é o principal elo que liga o clube e a sua torcida.

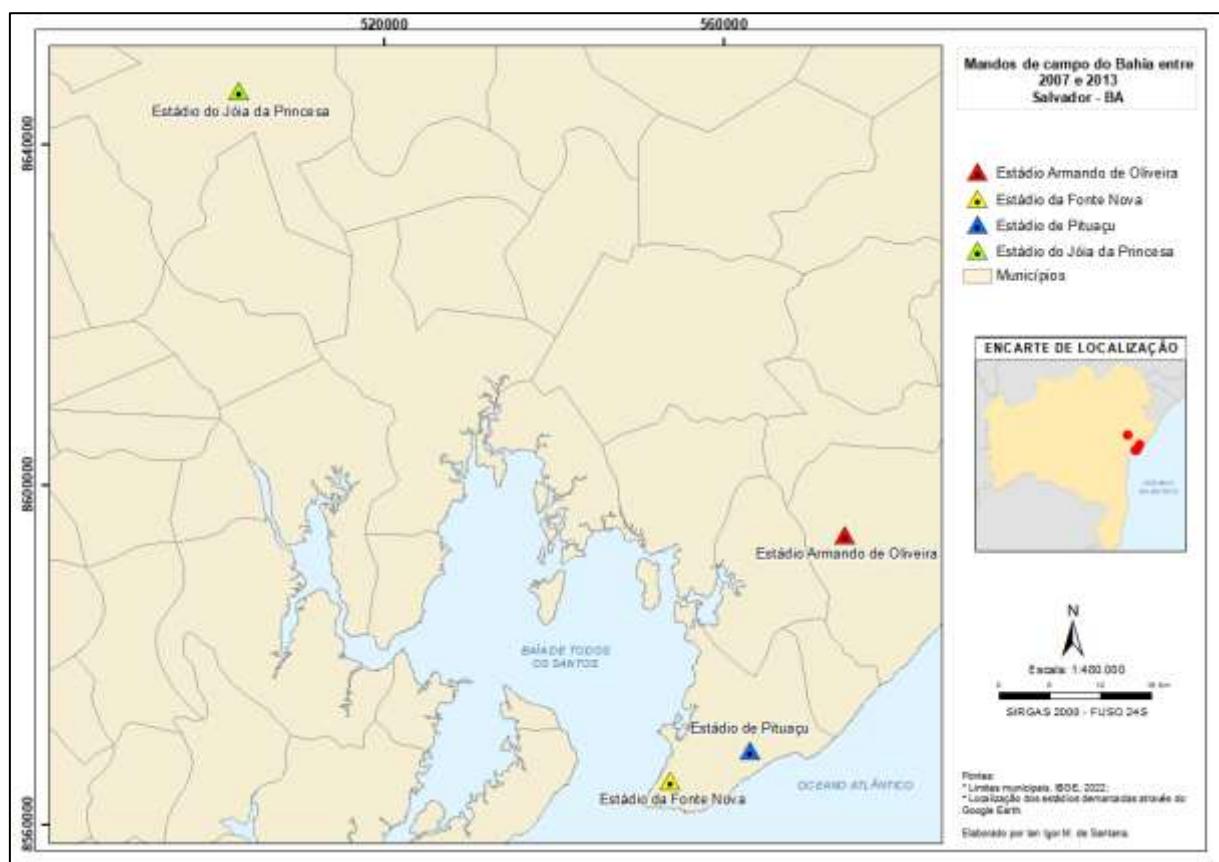


Figura 8 – Mandos de campo do Bahia entre 2007 e 2013. Elaboração do autor, 2025.



Figura 9 - Tragédia da Fonte Nova
Foto: Welton Araújo, 2007. Fonte: Agência A Tarde



Figura 10 – Estádio Jóia da Princesa
Foto: Carlos Augusto, 2014 Fonte: Jornal Grande Bahia



Figura 11 – Bahia jogando em Pituaçu
Foto: Ascom, [s.d] Fonte: Sudesb



Figura 12 – Estádio Armando de Oliveira
Foto: Ronaldo Silva, 2011 Fonte: AGECOM

Devido a esse histórico supracitado, afirma-se que o Bahia e o centro de Salvador mantêm uma relação tão harmônica e intrínseca que, por diversas vezes, parecem se confundir como um só. Essa fusão simbólica se revela nos muros grafitados, nas sedes de torcidas organizadas, nas bandeiras estendidas pelo caminho até a Fonte Nova e até no imaginário soteropolitano, em que a simples menção ao estádio imediatamente remete ao clube. Como sintetiza Mascarenhas (2014, p. 29), “o futebol se insere na vida urbana como uma forma de apropriação simbólica do espaço, onde o torcedor constrói seu território afetivo”.

Dentro disso, vale também reforçar que o Bahia não está sozinho na composição urbana de Salvador através do futebol profissional. A capital soteropolitana conta com

seis equipes profissionais e que atuaram em alguma das duas divisões do Campeonato Baiano de Futebol no ano de 2025, são elas: Bahia, Galícia, Leônico, SSA, Ypiranga e Vitória. Há também quatro estádios: Casa de Apostas Arena Fonte Nova em Nazaré, Estádio Deputado Galdino Leite na Vila Canária - não se encontra em condições de uso -, Estádio Manoel Barradas em Canabrava e Estádio Roberto Santos no bairro de Pituaçu.

Expandindo os horizontes para equipamentos públicos de prática do futebol, a Prefeitura Municipal de Salvador (2025) informa que em março de 2025 haviam 70 campos construídos para utilização em diferentes áreas da capital, mostrando a recente iniciativa através do Programa Salvador em Campo, Programa Municipal de Desenvolvimento do Esporte Comunitário e da parceria com o Esporte Clube Bahia no projeto Bora Bahêa Meu Bairro, todos esses responsáveis pela requalificação e construção de campos sintéticos.

Em síntese, pode-se afirmar que a identidade constitui o eixo central a partir do qual os clubes estruturam sua existência e ampliam seus territórios simbólicos. Essa construção identitária manifesta-se em múltiplas frentes — nome, cores, escudo, hino, restrições de pertencimento e narrativas institucionais — que operam como dispositivos de reconhecimento e gatilhos de pertencimento. No caso do Esporte Clube Bahia, esses elementos tornam-se particularmente evidentes: as cores estampadas em muros e postes no entorno da Fonte Nova, a escolha de um nome que remete diretamente ao estado, a autodeclaração no hino como “do povo o clamor” e o fato de ter disputado, desde sua fundação, a maioria de suas partidas no centro de Salvador revelam que o clube, para além de se inscrever geograficamente na cidade, produz e reforça relações de identificação que atravessam o espaço urbano.

O futebol deve ser compreendido como um fenômeno que se territorializa, apropriando-se de espaços e instituindo novas referências simbólicas e afetivas. (Mascarenhas, 2001, p. 32).

5.1 Compreensão urbana através do quadro associativo

Sabendo das relações citadas anteriormente que envolvem o futebol, se torna interessante tentar compreender a geografia do clube na cidade de Salvador, tomando como ponto de partida a sua espacialização através do quadro associativo. Conforme descrito na metodologia, foi solicitado ao Esporte Clube Bahia SAF dados anonimizados de seus

associados e através deles seria permitido que fosse analisado a distribuição geográfica do clube.

É necessário antes de tudo, explicar que o clube disponibiliza quatro planos de associações: Esquadrãozinho, exclusivo para crianças com idade de até 11 anos no valor de 10 reais mensais; Esquadrão da Sorte, que disponibiliza descontos no ingresso a partir de 20% em setores específicos do estádio no valor de 25 reais mensais; Esquadrão de Aço, que disponibiliza descontos no ingresso a partir de 50% online e 30% na bilheteria no valor de 60 reais mensais; e o Esquadrão na Fonte, o sócio mais buscado pelos torcedores por permitir acesso aos jogos onde o Bahia é mandante mediante a check-in no valor inicial a partir de 74,90 mensais, podendo chegar a 149,90 reais, a depender do setor de associação escolhido e que nessa base de dados enviada pela instituição, eles não estão diferenciados.

Após o tratamento de todos os 110.495 dados, pode-se realizar o mapa do número de associados ao Esporte Clube Bahia por bairros (figura 13) e a sua leitura demonstra uma presença associativa extremamente alta nos bairros centrais e entornos próximos, como Barris (303), Brotas (3.910), Centro (429), Centro Histórico (92), Comércio (137), Cosme de Farias (1.812), Dois de Julho (312), Engenho Velho de Brotas (2.009), Federação (1.815), Garcia (823), Graça (988), Matatu (1.103), Nazaré (883), Saúde (219), Tororó (357) e Vitória (259), que somados contam com 15.451 sócios torcedores, o que equivale a aproximadamente, 13,98% do total de associados. Essa marca chama atenção, visto que com apenas 16 bairros de 171, pouco mais de 10% está concentrado neles, demonstrando que não é apenas nas estruturas físicas que o clube se faz presente, mas em seus residentes.

Esses valores são explicados quando revisitamos a questão histórica do Bahia com a Rua Carlos Gomes e os bairros da Graça e Nazaré, em especial esse último, tendo em conta que a 74 anos - exceto naquelas datas que esteve ausente devido ao grave acidente aqui já mencionado -, tem sido responsável por abrigar a principal fonte de relação entre instituição e torcedor: os jogos.

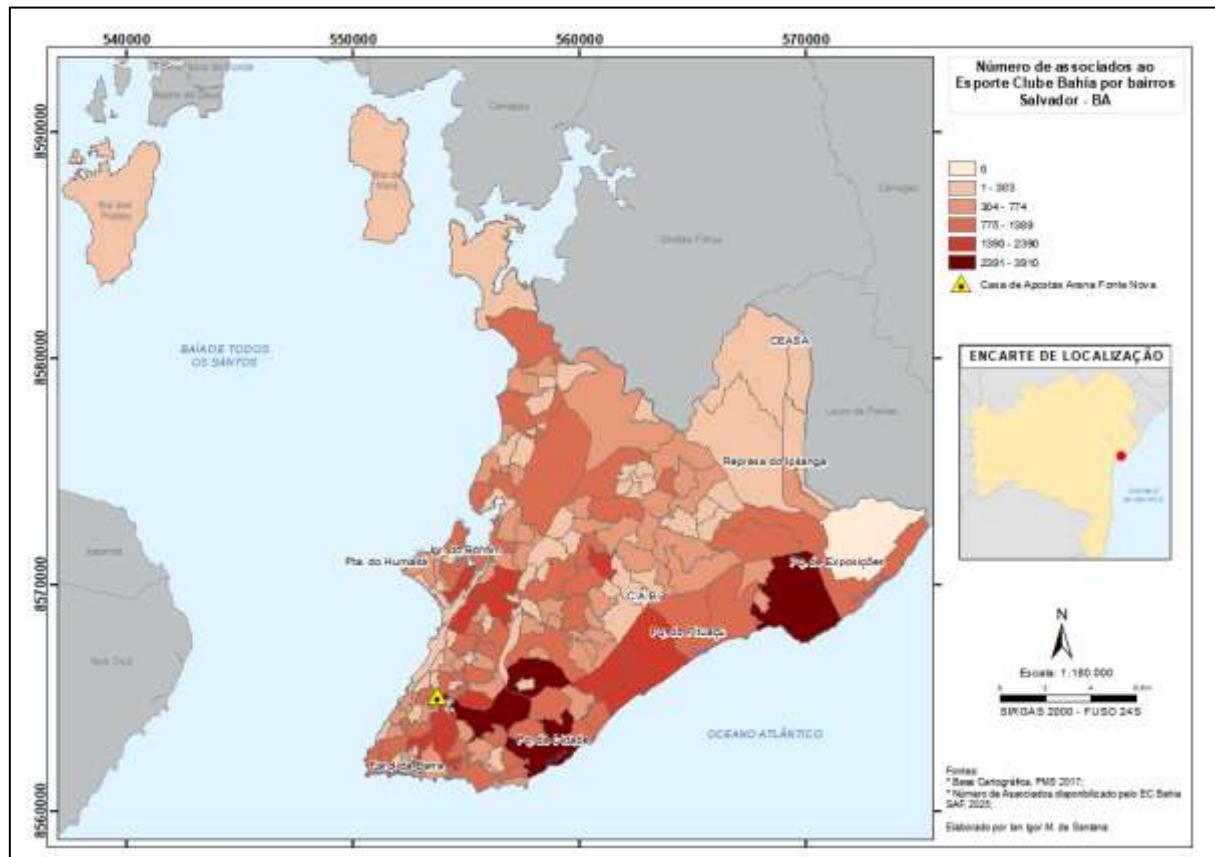


Figura 13 – Número de associados ao Esporte Clube Bahia por bairros. Elaborado pelo autor, 2025.

Além das questões históricas com o centro da cidade, é conhecido que o clube construiu ao passar dos anos, uma relação de pertencimento com as classes trabalhadoras e com os bairros periféricos, mas tem esse sentimento ainda mais intensificado nas recentes defesas pelas causas sociais de movimentos contra o racismo, homofobia e machismo. Há cada vez mais, a aproximação com religiões de matrizes africanas, sendo evidenciada desde “Lourinho”, torcedor símbolo dos anos 70 a 90, expressando também recentemente, essa luta em vídeos institucionais, camisas comemorativas e postagens nas redes sociais, evidenciados abaixo.



Figura 14 - Camisa Novembro Negro
Foto: Letícia Martins, 2024
Fonte: Redes Sociais EC Bahia



Figura 15 - Camisa Dia do Orgulho LGBTQIAPN+
Foto: ASCOM EC Bahia, 2024.
Fonte: Redes Sociais EC Bahia



Figura 16 - Camisa Derramamento de Óleo
Foto: ASCOM EC Bahia, 2019. Fonte: UOL



Figura 17 - Camisa Combate a Intolerância Religiosa
Foto: ASCOM Bahia, 2023. Fonte: CNN

Essas ações do clube, materializadas nos uniformes, buscar criar uma identificação com determinados grupos sociais, étnicos, religiosos ou localidades, mas com impactos diferentes no perfil associativo. A construção da ideia de um ‘Clube do Povo’, perpassa ações que reforcem uma identidade popular. Em Cosme de Farias (1.812), um bairro popular, com seu alto quantitativo populacional - 38.341 habitantes - e sua proximidade territorial com a Fonte Nova, favorecendo esse sentimento cultural e de pertencimento, há o estabelecimento de um vínculo que reflete no perfil associativo. Na Liberdade (2.390), berço de movimento sociais referentes à resistência negra e com uma forte ligação com a identidade afro-brasileira (Ramos, 2007), as iniciativas do clube na disseminação do orgulho negro, tem um rebatimento na quantidade de associados, uma vez que o bairro se configura entre os que possuem os maiores quantitativos de associados.

A mesma associação pode ser aventada em relação aos bairros de São Caetano (1.605), que apresenta uma forte cultura de futebol amador e tradição em movimentos populares, como por exemplo a Associação Comunitária e Beneficente de Vila Tiradentes e Instituto Comunitário Princesa Anastácia, e Plataforma (1.251), um bairro operário e portuário. Nesses dois bairros, para o clube busca reforçar uma representação/relação com a classe trabalhadora, inclusive com ações sociais, entre elas o projeto “Bora Bahêa Meu Bairro”, responsável por revitalizar campos de futebol para utilização da população local com aulas gratuitas. Já no bairro de Santa Cruz (1.202), que tem uma forte e engajada juventude, possuindo uma vida comunitária ativa culturalmente, também participa desse projeto social, utilizando a estrutura localizada no Vale das Pedrinhas, bairro vizinho.

Nesse sentido, a alcunha de “Clube do Povo”, amplamente utilizada por seus torcedores, encontra respaldo tanto nos dados empíricos quanto na construção simbólica do clube ao longo do tempo. Essa identificação, declamada por Zé Pretinho da Bahia e pelo grupo Novos Baianos na música Campeão dos Campeões (1977), expressa justamente a histórica aproximação do Bahia com as camadas populares, reforçando seu papel enquanto elemento de identificação social e cultural para amplos segmentos da população soteropolitana e baiana.

Quem é o campeão dos campeões? É o Bahia! Quem é que carrega a multidão? É o Bahia! Quem é que tranquiliza os corações? É o Bahia! Time de raça e tradições, Bahia campeão dos campeões. O nosso time está numa nova arrancada, este ano não tem zebra, não tem nada, o Bahia é o clube do povo, domingo estarei aqui de novo.

Os bairros com as maiores porcentagens de moradores que são associados ao Clube são: Jardim Armação (1º lugar, como 18%); Baixa de Quintas (2º lugar, como 16%); Cajazeiras X (3º lugar, como 15%); Comércio (4º lugar, como 14%); Matatu e Centro Administrativo da Bahia (5º lugar, como 13%); Amaralina e Mares (6º lugar, como 11%); Porto Seco Pirajá, Boa Viagem, Engenho Velho de Brotas, Tororó, Nazaré e Bonfim (7º lugar, como 10%). Os bairros com menor participação relativa de associados, considerando sua população são: Cajazeiras II, São Tomé, Santo Agostinho, Cassange, São Rafael, Vale dos Lagos, Vale das Pedrinhas, Ilha de Bom Jesus dos Passos, São João do Cabrito, Mirante de Periperi, Boa Vista de Brotas, Moradas da Lagoa, Ilha de Maré, Chapada do Rio Vermelho, Vista Alegre e Lapinha (16º lugar com 1%); Saramandaia, Ilha dos Frades/Ilha de Santo Antônio, Colinas de Periperi, Nova Sussuarana, Santa Luzia, Mangueira, Nova Esperança, Itinga, Calabar, Nova Constituinte e Bom Juá (17º lugar com 0%). A relação completa dos bairros está disponível no Apêndice 2.

A renda, assim como os temas anteriormente discutidos, constitui um fator relevante a ser considerado, não como elemento determinante para a associação ao clube, mas como uma variável que contribui para a compreensão desse processo. Embora importante, a renda não atua de forma isolada, uma vez que aspectos como disponibilidade financeira, mobilidade urbana, o momento vivenciado pelo clube e o grau de identificação e representatividade percebido pelo potencial associado também influenciam essa decisão. Ainda assim, a análise da renda possibilita uma leitura significativa da inserção econômica do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador, permitindo compreender as barreiras socioeconômicas superadas pelo clube e o lugar que ele ocupa na estrutura econômica urbana podendo ser melhor visualizado na tabela seguinte.

Bairros	Número de associados	Renda por domicílio 2010	Faixa de renda em 2010 (segundo Neri)
Brotas	3.910	R\$ 2.253,23	Classe C
Pituba	3.865	R\$ 5.201,46	Classe B
Itapuã	2.939	R\$ 1.649,26	Classe C
Pernambués	2.713	R\$ 977,10	Classe D
Liberdade	2.390	R\$ 856,66	Classe D
Imbuí	2.036	R\$ 2.946,60	Classe C
Engenho Velho de Brotas	2.009	R\$ 1.045,27	Classe D

Fazenda Grande do Retiro	1.994	R\$ 705,27	Classe E
Federação	1.815	R\$ 1.575,94	Classe C
Cosme de Farias	1.812	R\$ 764,32	Classe D

Tabela 1 – Comparativo entre os 10 primeiros bairros com o maior número de associados, renda por domicílio no ano de 2010 e a faixa de renda em 2010 segundo Neri. Elaborado pelo autor, 2025.

Analizando os dados de renda média dos responsáveis por domicílios de 2010 e o número de associados por bairro, é possível notar o quanto presente o Bahia se faz nos bairros considerados de classe C, D e E. Fazendo recorte nos seus dez primeiros bairros com o maior número de sócios torcedores, 90% estão entre as classes supracitadas.

Em 2010, 107 bairros estavam classificados como C, D ou E e eles somados chegam ao valor de 60.366 associados, o que equivale a aproximadamente 54,63%. Se considerados somente os bairros com número superior a 1.000 associados, temos 36.503 ou 33,03%, um quantitativo que chama bastante atenção.

Essa análise é corroborada pela pesquisa realizada pelo O Globo/Ipsos-Ipec, em agosto de 2025, que teve como recorte 2 mil pessoas distribuídas em 132 municípios brasileiros. O levantamento apontou o Esporte Clube Bahia como a 6ª equipe do país com maior quantitativo de torcedores pertencentes às classes D e E, evidenciando a forte presença popular em sua base de apoio. Tal dado dialoga diretamente com a tendência já mencionada ao longo desta escrita, permitindo compreender a pluralidade como uma das principais características da torcida tricolor, presente desde os seus fundadores.

Todas essas leituras iniciais da distribuição espacial dos dados disponibilizados pelo Bahia, revelam a abrangência socio-territorial do clube, que consegue transitar entre diferentes camadas sociais e atingir zonas distintas da capital, seja através da proximidade geográfica, histórica ou sentimental, configurando-se como uma entidade de múltiplos pertencimentos.

5.2 Mobilidade urbana

Em dias que ocorrem os jogos, a malha urbana da capital, mais especificamente das redondezas do estádio é profundamente alterada. Transporte público, fluxo de veículos, trabalho informal, mobilizações da segurança pública, reordenamento de vias, tudo isso faz parte da organização momentânea influenciada pela partida que acontecerá por algumas horas. Milton Santos (1996) retrata esses movimentos como fluxos, responsáveis pela circulação que liga aos fixos – objetos, que nesse caso, é a Fonte Nova -, produzindo a centralidade – temporária –,

definido por Mascarenhas (2001) como convergências simbólicas da cidade para um ponto específico.

O comum é que nesses momentos que antecedem e sucedem aos jogos, as ruas que anteriormente estavam acostumadas a conter carros em seu visual, agora passem por um “engarrafamento” de pessoas das mais variadas classes, grupos étnico-raciais e gêneros. É possível observar de modo mais claro esses eventos na Ladeira Fonte das Pedras (figura 18) e na Avenida Vasco da Gama (figura 19), locais que abrigam os portões de acesso de maior uso.



Figura 18 - Ladeira da Fonte das Pedras em dia de jogo.

Autor: Felipe Oliveira/EC Bahia



Figura 19 - Avenida Vasco da Gama em dia de jogo.

Autor: Felipe Oliveira/EC Bahia

O entorno da Fonte Nova se modifica do que é visto diariamente, se transforma em uma paisagem composta por vendedores informais, aglomeração de torcedores, carros com som, bandeiras tremulando, turistas, entre outros pontos que fazem do estádio, o epicentro temporário de Salvador, revelando mesmo que por instantes, uma nova geografia urbana e que o Bahia age como um organizador espacial.

Na figura 20, essas alterações em dia de jogo ficam melhor evidenciadas. A rua Ruy Barbosa e a ladeira da Fonte das Pedras – entrada para a Vasco da Gama e entrada para a Bonocô – e a Avenida Presidente Castelo Branco – bifurcação entre o acesso ao estacionamento do estádio e a Avenida Vasco da Gama - tem sua utilização provisoriamente interrompida para evitar transtornos e possíveis acidentes entre carros e pedestres que dentre essas horas serão a suma maioria, criando assim, longos corredores para os torcedores, acelerando o deslocamento coletivo.



Figura 20 – Mobilidade e comércio em dias de jogos. Elaborado pelo autor, 2025.

Devido a breve interrupção para a utilização das ruas, o comércio informal começa a se estabelecer horas antes, principalmente nesses pontos com *hachurado* laranja, ressaltados no mapa acima. A sua configuração urbana é alterada do que costumeiramente é vista, os carros e motos habituados a ocupar as pistas dão lugar aos pedestres, *food trucks*, vendas de churrasquinho, isopor com bebidas, entre outros.

A modificação dos comércios habitualmente encontrados no entorno como lojas de roupa, *hortifrutis*, mercadinhos, por exemplo, ao estarem fechados e suas frentes ocupadas por ambulantes, transformam aquele território, o tornando específico e característico daquele evento.

Como consequência a essas modificações, espaços que antes eram apenas zonas de mobilidade para idas e vindas, assumem a função de lugar (Tuan, 1977) em virtude de novas relações geradas com aquele local. Bares que só funcionam em dias de jogos viram pontos de encontro, a “vendinha” passa a ser um ambiente de confraternização e assim, tradições passam a ser formadas e até mesmo, superstição.

Na rua Ruy Barbosa, a Torcida Organizada Bamor, primeiro escalão⁵ nas hierarquias das torcidas utiliza dos bloqueios dos agentes de trânsito para reunir seus membros e vender seus produtos, desde vestimentas a alimentação. Para os frequentadores assíduos do estádio, o subconsciente está moldado devido a regularidade: ali é um território que, em dias de jogos é ornamentado pela Bamor.

O viaduto (figura 21) – localizado na ladeira da Fonte das Pedras seguindo a contramão em dias habituais abaixo da Avenida Presidente Castelo Branco e representado com uma longa hachura na parte superior direita do mapa – é outra região que se modifica abruptamente. Antes, acesso dos carros que vinham da Vasco da Gama e pretendiam acessar a Avenida Joana Angélica ou proximidades, se transfigura para um ponto de maiores concentrações de torcedores. Os famosos “paredões” comandam o ambiente local que nas suas extremidades é superlotada de ambulantes ou automóveis que chegam antes do fechamento das vias e são os últimos a sair pós-jogo, permitindo apenas um pequeno corredor para os transeuntes que se “espremem” em meio à busca por chegar ao seu local de destino.



Figura 21 – Viaduto em dia de jogo. Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

O estacionamento do Dique do Tororó (figura 22) é mais um ponto de encontro entre os torcedores – hachura triangular logo ao sul do estádio -, ponto com variedade de *food trucks*, um melhor fluxo para desembarque e proximidade a entrada dos visitantes, tendo ali uma maior

⁵ Torcida de primeiro escalão é uma expressão utilizada na literatura esportiva, jornalística e acadêmica para designar torcidas muito numerosas, historicamente consolidadas e com forte presença nacional, geralmente associadas a clubes de grande massa e grande mobilização social.

área passível troca de vivências, histórias e por vezes, até conflitos com torcedores das outras equipes.



Figura 22 – Dique do Tororó em dia de jogo. Fonte: Divulgação/EC Bahia, 2022.

As vias são um importante elemento para entendimento da nova espacialização que toma conta dos entornos da Fonte Nova, mas não é o único. Outro fator responsável por remodelar a dinâmica da cidade pensando o Bahia é o sistema metroviário (figura 23). Com as primeiras parcelas das obras finalizadas no ano de 2014, o equipamento esportivo conta com três estações facilitadoras para seu usufruto. Campo da Pólvora e Brotas, permitem o desembarque a poucos metros do estádio e a Lapa deixa nas proximidades. O sistema de metrô modifica os fluxos e entrega uma maior acessibilidade, transformando e impactando diretamente na expansão e confecção da territorialidade simbólica e física.

O Bahia, fundado a partir de um grupo socialmente diverso, passou a construir, ao longo dos anos, uma identificação cada vez mais profunda com as camadas populares de Salvador. Nesse contexto, o metrô pode ser compreendido como um importante vetor de reterritorialização (Haesbaert, 2004), na medida em que possibilita a aproximação — ou reaproximação — do clube com esse público. Isso se dá porque o processo de avanço urbanístico contribuiu para a dispersão da população de menor renda para áreas mais periféricas do município, afastando-a das zonas centrais e da orla marítima e, consequentemente, colocando-a à margem desse desenvolvimento. Tal dinâmica dificultou o acesso desses torcedores ao estádio e aos seus arredores, seja daqueles que foram obrigados a se distanciar fisicamente, ou aqueles que sequer tiveram a oportunidade de vivenciar essa experiência,

construindo sua relação com o Bahia apenas por meio de narrativas de terceiros, que alimentavam a imaginação sobre o estádio, sua atmosfera e tudo aquilo que compunha o seu entorno.

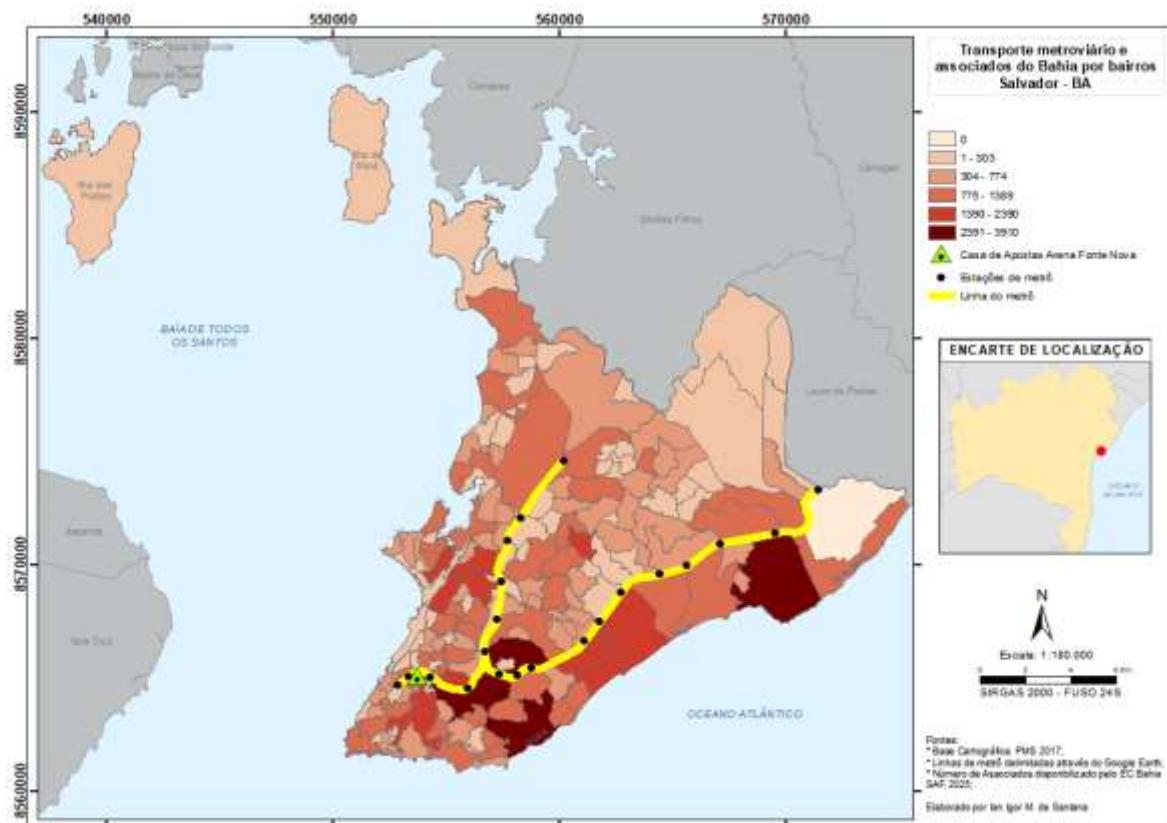


Figura 23 – Transporte metroviário e associados do Bahia por bairros. Elaborado por Ian Mesquita, 2025.

Como principal avanço, a possibilidade de evitar o congestionado trânsito de Salvador, qual se tornaria ainda mais sobrecarregado com uma partida de futebol em horário que habitualmente é de grande fluxo na cidade, como, por exemplo às 19 horas, permite que moradores de bairros mais distantes e que passariam por maiores dificuldades até a chegada, acabe por se transformar em uma viagem que dura em torno ou até mesmo, menos de 40 minutos, tendo uma diminuição em relação a distância relativa (Santos, 1996). Essa reaproximação de regiões populares, aumento da mobilidade, redução no tempo de deslocamento, através das conexões com áreas até então desagregadas, podem ser elencadas como os principais benefícios dessa obra que como fora dito, impacta positivamente ao desenvolvimento territorial do Bahia.

Bairros como Águas Claras, Itapuã, Liberdade, Mussurunga, Plataforma, São Cristóvão e Sussuarana, tem forte presença de torcedores do Bahia, e o que se tornaria uma viagem longa, fragmentada, cansativa e por muitas vezes, desestimulante, limitando a presença desses

torcedores populares aos jogos em meado de semana, se transforma em um caminho de descontração, cantoria, encontro de gerações e formação de amizades. Há uma expansão do território do clube, não o físico, mas o de pertencimento, permitindo assim, um espaço vivido (Tuan, 1977) reforçando o sentimento de coletividade e estendendo o território simbólico. Barreiras simbólicas e físicas entre o centro e a periferia são reduzidas, novas conexões afetivas são formadas e uma multiterritorialidade (Haesbaert, 2004) é gerada, pois o torcedor vai disseminando e sendo receptivo a identidades ao sair da sua rua, do seu bairro, no caminho para o metrô, no deslocamento do metrô e na chegada ao estádio, perpassando assim por múltiplos territórios simbólicos.

Portanto, a mobilidade urbana vinculada aos jogos do Bahia revela-se como componente fundamental da geo-grafia produzida pelo clube em Salvador. As ruas, os acessos, as estações, os bloqueios e os percursos não constituem apenas infraestrutura, mas expressões materiais de um fenômeno cultural que reorganiza ritmos, sociabilidades e espacialidades. Ao transformar a cidade durante algumas horas, o futebol evidencia que a mobilidade não se limita ao deslocamento, mas participa ativamente da produção do espaço urbano, compondo paisagens e territorialidades que dialogam diretamente com a história, a identidade e a vida coletiva soteropolitana.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou através da compreensão das geografias do Esporte Clube Bahia na cidade de Salvador, demonstrar que os estudos geográficos podem ultrapassar a visão encaixotada, substantivada e reduzida que por vezes lhe é impregnada. É possível haver análise de como se comporta uma capital perante um clube de futebol e vice-versa, pois tomando o futebol não apenas como prática esportiva, mas como fenômeno cultural, social, econômico, espacial e individual começamos a notar indícios de que ele organiza, produz e ressignifica o território.

A partir do diálogo entre os dados, autores, revisões históricas e a validação do olhar carregado de vivências, foi possível reconhecer que o espaço urbano é resultado de múltiplas territorialidades e que o futebol, ao contrário do que por vezes se supõe, constitui um dos agentes expressivos dessa produção. Ao longo do trabalho, ficou evidente que a relação entre o Bahia e Salvador é histórica, profunda e simbiótica sendo inclusive, um momento sentido de maneira negativa quando houve uma desterritorialização em seu mando de campo.

A análise espacial revelou uma forte concentração de associados nos bairros centrais de Salvador, que pôde ser justificado após o entendimento histórico e afetivo do clube com essa região da capital devido sua fundação e realização de partidas em estádios que jogou sendo evidenciado no mapa de deslocamento histórico entre 1931 e 1951. A construção de ações que reforçam o caráter simbólico, afetivo e identitário que o Bahia construiu ao longo de décadas, confirmando a alcunha de “Clube do Povo” frequentemente reivindicada por sua torcida, tem rebatimentos positivos no quadro associativo em alguns bairros populares, como Cosme de Faria, em outros, a dimensão simbólica está presente, mas sem grandes participações no quadro de associados, como na Liberdade, em São Caetano e na Santa Cruz. O mapeamento de renda mesmo com as limitações expressadas no texto, permitiria a construção de uma hipótese, a ser confirmada em estudos futuros, que demonstraria uma distribuição mais capilarizada do quadro de associados do clube, visto que permeia por diferentes classes sociais, evidenciando também que renda pode ser um elemento diferenciador, mas não único determinante para associação.

Outro fator importante tem vínculo direto com a mobilidade, pois percebeu-se que o metrô trouxe com ele uma maior aproximação daqueles que vivem as extremidades do centro, permitindo que haja a possibilidade de vivenciarem uma relação cada vez mais presencial e presente, ocorrendo maior identificação entre torcedor e tudo que envolve um jogo, desde sua saída de casa a chegada no estádio, sendo reforçado a partir da distribuição dos aficionados em

diversos pontos da Fonte Nova, mas principalmente naquelas vias que estão bloqueadas pelos agentes de trânsito que permitem um maior fluxo de pedestre e ambulantes.

O olhar através da geo-grafia trazida por Carlos Walter somado aos dados evidenciados, não permitem que haja espaço para aleatoriedades dentro das análises, pois os achados revelam padrões que são refletidos na história urbana da cidade, sejam nas centralidades temporárias, na contribuição do transporte modal ou na igualmente recorrente distribuição espacial dos ambulantes em dia de jogo, nas relações diretas entre números de associados com os bairros de maior população ou nas relações entrelaçadas através de questões socioculturais que permitem pela vivência que o clube conquiste mais torcedores, entre outras afirmações construídas durante esse trabalho, reforçando as evidências empíricas e demonstrando que sim, clubes de futebol podem ser estudados como agentes produtores de espacialidade.

Ao espacializar mais de 110 mil registros reais e interpretar seus padrões, o estudo contribui com evidências inéditas sobre a relação entre futebol e geografia, contando com uma escala mais detalhada, ampliando a Geografia do Esporte, campo que ainda pode ser mais explorado, revelando como identidades-torcedoras podem ser reveladas no espaço. Isso é possível com a ajuda da teoria clássica e contemporânea da área, que permitem solidez aos argumentos utilizados ao serem destrinchados. Em termos práticos, há uma grande utilidade concreta, pois ajudará ao clube a mapear seu público, planejar ações sociais e estratégias de mobilização ou vendas, fornecem subsídios para gestão pública sobre mobilidade urbana em dias de jogo, além de fortalecer e poder direcionar políticas como o Bora Bahéa Meu Bairro, voltadas a comunidades específicas.

Em contrapartida, se reconhece que houveram limitações expostas a esse trabalho devido ao tempo hábil que constituiu um dos principais desafios. A pesquisa foi desenvolvida em um período relativamente curto, o que restringiu a possibilidade de aprofundamento em algumas etapas do processo científico, como implementação e interpretação dos questionários online realizados, possíveis cruzamentos adicionais com outras bases, como dados socioeconômicos atualizados, fluxos de mobilidade urbana e indicadores demográficos mais recentes, além da descrição e interpretação das informações disponibilizadas de idade e gênero. Além disso, a desatualização do banco de dados referente a renda foi um outro fator restritivo que demandou cautela devido seu atraso em atualização de 15 anos, o que não permitiu uma exatidão em suas afirmações, mas ainda assim, pôde contribuir com a interpretação. Portanto, o tempo reduzido impôs a necessidade de escolhas metodológicas mais diretas, priorizando o rigor no tratamento dos dados de localização.

Entretanto, mesmo diante desse limitador, a pesquisa conseguiu alcançar seu objetivo central e entende-se que pode ser um alicerce para futuras pesquisas que possam utilizar de seus resultados para comparativos com outras equipes de futebol ou até mesmo, outras modalidades. Ademais, fomenta que novos trabalhos possam surgir com temática na Geografia do Esporte que em paralelo as outras temáticas, apresenta um menor quantitativo de trabalhos. Em síntese, este trabalho conclui que compreender o Bahia é também compreender Salvador. Que trabalhos futuros possam aprofundar esses caminhos, revelando outras geo-grafias produzidas pelo futebol e pelo povo que faz da cidade um território vivo, plural e em constante transformação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano Bittencourt. O espaço em movimento: a dinâmica da Pituba no século XX. Salvador: EDUFBA, 2005.

BBC News. Popularização do futebol nos EUA é pano de fundo para ‘Fifagate’. BBC News, 30 mai. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150529_futebol_eua_fifa_pu. Acesso em 8 nov. 2025.

BRAZ, Bruno. Clubes se assustam com inflação do mercado e cogitam fair play financeiro. UOL Esporte, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2025/01/15/clubes-se-assustam-com-inflacao-do-mercado-e-cogitam-fair-play-financeiro.htm>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.193, de 6 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol (SAF) e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 09 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14193.htm. Acesso em: 30 out. 2025.

CNN BRASIL. O Maior Raio-X do Torcedor: o que mudou no ranking de 2023 para 2024. CNN Brasil, 15 mai. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/o-maior-raio-x-do-torcedor-o-que-mudou-no-ranking-de-2023-para-2024/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

DUARTE, Oscar. História dos Esportes. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

EY. Levantamento Financeiro de Clubes Brasileiros 2023. 2024. Disponível em: <https://www.ey.com/content/dam/ey-unified-site/ey-com/pt-br/insights/media-entertainment/documents/ey-brasil-relatorio-financeiro-clubes-2023.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Global Transfer Report 2023. Disponível em: <https://inside.fifa.com/transfer-system/media-releases/club-spending-on-international-transfer-fees-reaches-all-time-record-in-2023?> . Acesso em: 4 nov. 2025.

FILHO, Mário Rodrigues. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

FREIRE, Danilo Raniery Alves. Práticas Culturais de Lazer: cotidiano entre os anos de 1920 e 1935. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GANDON, Tania Risério d’Almeida. A voz de Itapuã. Salvador: EdUFBA, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33596>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GIL, Pedro. Bola dentro: o impacto das SAFs no mercado de futebol do Brasil. VEJA, São Paulo, 30 jun. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/bola-dentro-o-impacto-das-safs-no-mercado-do-futebol/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social. v. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; PESSOA, Thiscianne Moraes; CASTRO, Lucas Bispo dos Santos. Por uma Salvador moderna: a custa de quem e de que? 1935-1945. Anais do V ENANPARQ, 2018, p. 1-26. Disponível em: https://lab20.ufba.br/sites/lab20.ufba.br/files/jose_huapaya-v_enanparq-artigo.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: resultados gerais e dados territoriais. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Salvador: histórico do município. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/historico>. Acesso em: 18 nov. 2025.

INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS. Mapa da Desigualdade entre as Capitais. 2024. Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadeccapitais/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

LAGE SILVA, Natália Morena. Territorialidades e Hierarquias em Torcidas Organizadas do Sport Club Corinthians Paulista. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

LEANDRO, Paulo Roberto. BA-VI: da assistência à torcida: a metamorfose nas páginas esportivas. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8694/1/Paulo%20Roberto%20Leandro.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MASCARENHAS, Gilmar. A bola nas redes e o enredo do lugar: Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Universidade de São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. São Paulo: A cidade e o futebol. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 8, n. 46, mar. 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. Futebol e cidade: a dinâmica urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MASSARANI, Luisa.; ABUCIO, Marcos. *Bola no Pé: a incrível história do futebol*. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MILLS, John. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

MURAD, Mauricio. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007.

MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 2000.

NERI, Marcelo Côrtes. *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*. In: *La Guerra Infinita: Hegemonía y terror mundial*. Buenos Aires: CLACSO, 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101018013328/11porto.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Bairros de Salvador. Portal de Dados Abertos. Disponível em: <https://dados.salvador.ba.gov.br/pages/bairrossalvador~ee3b3d6f6d9a4ac1966812ec23622865>. Acesso em: 6 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Prefeitura de Salvador chega à marca de 70 campos de grama sintética nas comunidades. 26 mar. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.salvador.ba.gov.br/index.php/pt-br/releases-2/geral/27200-prefeitura-de-salvador-chega-a-marcas-de-70-campos-de-grama-sintetica-nas-comunidades>. Acesso em: 8 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo – LOUOS. Lei nº 9.069/2016. Alterada pela Lei nº 9.917/2023. Salvador, 2023. Disponível em: <https://www.salvador.ba.gov.br/gestao/pddu-e-louos/>. Acesso em: 07 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU. Lei nº 9.069, de 30 jun. 2016. Salvador, 2016. Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/pddu2016/>. Acesso em: 07 nov. 2025.

RAMOS, Maria Estela. Território afrodescendente: leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11986>. Acesso em: 19 nov. 2025.

RAVENEL, Loïc. *La géographie du football en France: synthèse*. Lausanne: Institut de Géographie, Université de Lausanne, 2000.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO. Bairros de Salvador. Prefeitura Municipal, 2023. Arquivo shapefile. Disponível em: <https://dados.salvador.ba.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2025.

SLOCUM, Terry A et al. Thematic cartography and geovisualization. 3. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2013.

SPINOLA, Noelio Dantaslé; MARINHO, Isabel Cristina Alves. Cenário do teatro baiano. Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, ano XVIII, v. 3, n. 35, p. 834-859, dez. 2016.

THE FOOTBALL ASSOCIATION. History of The FA. Disponível em: <https://www.thefa.com/about-football-association/who-we-are/history>. Acesso em: 2 nov. 2025.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: the perspective of experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.

VOSER, Rogério da Cunha. Futebol: história, técnica e treino de goleiro. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010

APÊNDICE

Apêndice 1 - Número de associados por bairro

Bairro	Associados	Bairro	Associados	Bairro	Associados
Acupe	774	Cosme de Farias	1.812	Nova Constituinte	6
Aeroporto	-	Costa Azul	846	Nova Esperança	36
Águas Claras	1.103	Coutos	772	Nova Sussuarana	28
Alto da Terezinha	196	Curuzu	655	Novo Horizonte	380
Alto das Pombas	276	Dois de Julho	312	Novo Marotinho	67
Alto do Cabrito	495	Dom Avelar	384	Ondina	431
Amaralina	399	Doron	338	Palestina	92
Areia Branca	140	Engenho Velho da Federação	1.042	Paripe	1.234
Arenoso	380	Engenho Velho de Brotas	2.009	Patamares	1.132
Arraial do Retiro	206	Engomadeira	339	Pau da Lima	1.039
Bairro da Paz	333	Fazenda Coutos	514	Pau Miúdo	1.167
Baixa de Quintas	229	Fazenda Grande do Retiro	1.994	Periperi	1.247
Barbalho	519	Fazenda Grande I	313	Pernambués	2.713
Barra	1.345	Fazenda Grande II	427	Pero Vaz	830
Barreiras	641	Fazenda Grande III	210	Piatã	1.389
Barris	303	Fazenda Grande IV	210	Pirajá	1.136
Beiru/Tancredo Neves	1.311	Federação	1.815	Pituaçu	1.709
Boa Viagem	158	Garcia	823	Pituba	3.865
Boa Vista de Brotas	19	Graça	988	Plataforma	1.251
Boa Vista de São Caetano	618	Granjas Rurais Presidente Vargas	189	Porto Seco Pirajá	5
Boca da Mata	264	Horto Florestal	763	Praia Grande	384
Boca do Rio	1.495	IAPI	1.002	Resgate	349
Bom Juá	6	Ilha Amarela	340	Retiro	37
Bonfim	769	Ilha de Bom Jesus dos Passos	15	Ribeira	1.199
Brotas	3.910	Ilha de Maré	23	Rio Sena	282
Cabula	1.351	Ilha dos Frades/Ilha de Santo Antônio	4	Rio Vermelho	1.150
Cabula VI	467	Imbuí	2.036	Roma	169
Caixa D'Água	925	Itacaranha	535	Saboeiro	496
Cajazeiras II	31	Itaigara	812	Santa Cruz	1.202
Cajazeiras IV	96	Itapuã	2.939	Santa Luzia	15
Cajazeiras V	134	Itinga	34	Santa Mônica	237
Cajazeiras VI	137	Jaguaripe I	178	Santo Agostinho	37
Cajazeiras VII	66	Jardim Armação	1.163	Santo Antônio	159
Cajazeiras VIII	339	Jardim Cajazeiras	204	São Caetano	1.605
Cajazeiras X	1.059	Jardim das Margaridas	728	São Cristóvão	1.359

Cajazeiras XI	464	Jardim Nova Esperança	453	São Gonçalo	576
Calabar	8	Jardim Santo Inácio	281	São João do Cabrito	177
Calabetão	206	Lapinha	21	São Marcos	1.660
Calçada	146	Liberdade	2.390	São Rafael	216
Caminho das Árvores	1.230	Lobato	1.082	São Tomé	112
Caminho de Areia	317	Luiz Anselmo	596	Saramandaia	48
Campinas de Pirajá	530	Macaúbas	321	Saúde	219
Canabrava	564	Mangueira	24	Sete de Abril	569
Candeal	1.011	Marechal Rondon	647	Stella Maris	1.006
Canela	327	Mares	108	STIEP	773
Capelinha	452	Massaranduba	1.070	Sussuarana	1.277
Cassange	97	Mata Escura	883	Tororó	357
Castelo Branco	1.104	Matatu	1.103	Trobogy	538
Centro	429	Mirante de Periperi	22	Uruguai	1.514
Centro Administrativo da Bahia	22	Monte Serrat	335	Vale das Pedrinhas	58
Centro Histórico	92	Moradas da Lagoa	79	Vale dos Lagos	104
Chame-Chame	143	Mussurunga	1.121	Valéria	726
Chapada do Rio Vermelho	112	Narandiba	447	Vila Canária	430
Cidade Nova	730	Nazaré	883	Vila Laura	1.340
Colinas de Periperi	8	Nordeste de Amaralina	801	Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro	852
Comércio	137	Nova Brasília	616	Vista Alegre	25
				Vitória	259

Apêndice 2 – Porcentagem de associados por número de habitantes por bairro

Bairro	Associados	Habitantes	% de associados
Jardim Armação	1.163	6.591	18%
Baixa de Quintas	229	1.459	16%
Cajazeiras X	1.059	7.231	15%
Comércio	137	971	14%
Matatu	1.103	8.599	13%
Centro Administrativo da Bahia	22	173	13%
Amaralina	399	3.506	11%
Mares	108	973	11%
Porto Seco Pirajá	5	48	10%
Boa Viagem	158	1.553	10%
Engenho Velho de Brotas	2.009	20.225	10%
Tororó	357	3.632	10%
Nazaré	883	9.018	10%
Bonfim	769	8.037	10%
Horto Florestal	763	8.342	9%

Caminho das Árvores	1.230	13.612	9%
Vila Laura	1.340	14.831	9%
Pituaçu	1.709	18.935	9%
Barra	1.345	15.094	9%
Itaigara	812	9.261	9%
Dois de Julho	312	3.583	9%
Brotas	3.910	51.296	8%
Candeal	1.011	13.276	8%
Doron	338	4.471	8%
Pau Miúdo	1.167	15.793	7%
Saboeiro	496	6.742	7%
Ribeira	1.199	16.308	7%
São Marcos	1.660	22.962	7%
Barbalho	519	7.195	7%
Garcia	823	11.490	7%
Piatã	1.389	19.875	7%
Barris	303	4.343	7%
Liberdade	2.390	34.451	7%
Imbuí	2.036	29.664	7%
Canela	327	4.813	7%
Pituba	3.865	57.894	7%
Praia Grande	384	5.780	7%
Graça	988	14.996	7%
Massaranduba	1.070	16.294	7%
Rio Vermelho	1.150	17.526	7%
Chame-Chame	143	2.187	7%
Cosme de Farias	1.812	27.832	7%
Granjas Rurais Presidente Vargas	189	2.951	6%
Ilha Amarela	340	5.473	6%
Cabula	1.351	21.825	6%
Caixa D'Água	925	15.465	6%
Acupe	774	13.074	6%
Saúde	219	3.702	6%
Federação	1.815	30.732	6%
Resgate	349	5.946	6%
Vitória	259	4.416	6%
STIEP	773	13.277	6%
Campinas de Pirajá	530	9.166	6%
Curuzu	655	11.393	6%

Uruguai	1.514	26.454	6%
Monte Serrat	335	5.893	6%
Trobogy	538	9.487	6%
Santa Cruz	1.202	21.494	6%
Roma	169	3.038	6%
Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro	852	15.351	6%
Alto das Pombas	276	4.986	6%
Santo Antônio	159	2.888	6%
Cidade Nova	730	13.292	5%
Centro Histórico	92	1.692	5%
Patamares	1.132	21.086	5%
Centro	429	8.042	5%
Stella Maris	1.006	18.981	5%
Macaúbas	321	6.109	5%
Engenho Velho da Federação	1.042	19.862	5%
Pernambués	2.713	52.564	5%
Santa Mônica	237	4.677	5%
Pau da Lima	1.039	20.665	5%
IAPI	1.002	19.941	5%
Costa Azul	846	16.842	5%
Sussuarana	1.277	25.693	5%
Retiro	37	754	5%
Plataforma	1.251	25.752	5%
Fazenda Grande do Retiro	1.994	41.056	5%
Itapuã	2.939	60.968	5%
Cabula VI	467	10.014	5%
Pero Vaz	830	17.988	5%
Boa Vista de São Caetano	618	13.496	5%
Coutos	772	17.363	4%
Luiz Anselmo	596	13.759	4%
Jardim Santo Inácio	281	6.512	4%
Lobato	1.082	25.946	4%
Vila Canária	430	10.430	4%
Pirajá	1.136	27.873	4%
Capelinha	452	11.238	4%
Dom Avelar	384	9.627	4%
São Caetano	1.605	40.303	4%
Engomadeira	339	8.581	4%
São Gonçalo	576	14.817	4%

Nordeste de Amaralina	801	20.680	4%
Boca do Rio	1.495	38.804	4%
Barreiras	641	16.847	4%
Castelo Branco	1.104	29.534	4%
Marechal Rondon	647	17.312	4%
Calçada	146	3.961	4%
Mussurunga	1.121	30.874	4%
Itacaranha	535	14.997	4%
Caminho de Areia	317	8.906	4%
Jardim das Margaridas	728	20.637	4%
Mata Escura	883	25.385	3%
Sete de Abril	569	16.473	3%
Beiru/Tancredo Neves	1.311	38.329	3%
Águas Claras	1.103	32.961	3%
Arenoso	380	11.506	3%
Periperi	1.247	37.887	3%
Nova Brasília	616	18.746	3%
Canabrava	564	17.211	3%
Jardim Nova Esperança	453	13.827	3%
Alto do Cabrito	495	15.654	3%
Ondina	431	13.874	3%
Arraial do Retiro	206	6.758	3%
Boca da Mata	264	8.761	3%
Cajazeiras IV	96	3.262	3%
Cajazeiras XI	464	15.774	3%
São Cristóvão	1.359	46.658	3%
Fazenda Grande I	313	11.167	3%
Calabetão	206	7.372	3%
Narandiba	447	16.758	3%
Fazenda Grande IV	210	7.921	3%
Novo Horizonte	380	14.985	3%
Fazenda Coutos	514	20.328	3%
Fazenda Grande II	427	17.158	2%
Cajazeiras VIII	339	13.678	2%
Cajazeiras V	134	5.488	2%
Jardim Cajazeiras	204	8.385	2%
Fazenda Grande III	210	8.749	2%
Valéria	726	30.817	2%
Paripe	1.234	52.469	2%

Jaguaripe I	178	8.028	2%
Rio Sena	282	14.553	2%
Cajazeiras VI	137	7.266	2%
Novo Marotinho	67	3.715	2%
Palestina	92	5.201	2%
Cajazeiras VII	66	3.800	2%
Alto da Terezinha	196	12.121	2%
Bairro da Paz	333	20.933	2%
Areia Branca	140	9.205	2%
Cajazeiras II	31	2.275	1%
São Tomé	112	8.821	1%
Santo Agostinho	37	2.925	1%
Cassange	97	8.183	1%
São Rafael	216	21.019	1%
Vale dos Lagos	104	10.204	1%
Vale das Pedrinhas	58	6.129	1%
Ilha de Bom Jesus dos Passos	15	1.635	1%
São João do Cabrito	177	19.809	1%
Mirante de Periperi	22	2.590	1%
Boa Vista de Brotas	19	2.600	1%
Moradas da Lagoa	79	11.849	1%
Ilha de Maré	23	4.036	1%
Chapada do Rio Vermelho	112	20.106	1%
Vista Alegre	25	4.663	1%
Lapinha	21	4.085	1%
Saramandaia	48	9.879	0%
Ilha dos Frades/Ilha de Santo Antônio	4	894	0%
Colinas de Periperi	8	2.485	0%
Nova Sussuarana	28	9.815	0%
Santa Luzia	15	5.642	0%
Mangueira	24	9.897	0%
Nova Esperança	36	16.376	0%
Itinga	34	15.913	0%
Calabar	8	6.046	0%
Nova Constituinte	6	9.368	0%
Bom Juá	6	9.918	0%
Aeroporto	-	-	-